



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA – FACHTO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ERLENY GARCIA BALIEIRO**

**SABERES SOCIAIS E CULTURAIS DAS MULHERES DA ILHA TENTÉM, NO  
MUNICÍPIO DE CAMETÁ, PARÁ: UM ESTUDO A RESPEITO DA  
UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS**

**CAMETÁ-PA  
2019**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA – FACTHO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ERLENY GARCIA BALIEIRO**

**SABERES SOCIAIS E CULTURAIS DAS MULHERES DA ILHA TENTÊM, NO  
MUNICÍPIO DE CAMETÁ, PARÁ: UM ESTUDO A RESPEITO DA  
UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade de História – FACTHO /UFPA – do Campus Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto.

CAMETÁ-PA  
2019

**ERLENY GARCIA BALIEIRO**

**SABERES SOCIAIS E CULTURAIS DAS MULHERES DA ILHA TENTÉM, NO  
MUNICÍPIO DE CAMETÁ, PARÁ: UM ESTUDO A RESPEITO DA  
UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**Orientadora**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Mestra Sherlyane Louzada Pinto**  
**Avaliadora**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Mestra. Maria Gorete Cruz Procópio**  
**Avaliadora**

CAMETÁ-PA

2019

Ao meu pai, João Caldas Balieiro, (*In memoriam*).

A minha mãe, Maria do Espírito Santo Garcia Balieiro.

“Remédio caseiro cura os males do corpo e da alma.”

(Elgina Medeiros Maciel)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus todo Poderoso, por sua infinita bondade, pois tudo deriva dele.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto, que foi o meu auxílio diante das aflições e inseguranças de como realizar este trabalho, através de suas palavras incentivadoras e de encorajamento, sem dúvida fez total diferença no meu fortalecimento para continuar no desafio em busca do conhecimento. À você expresso meus sinceros agradecimentos.

Minha gratidão e amor eterno à minha rainha Maria do Espírito Santo Garcia Balieiro, a qual eu devo toda a orientação e valores morais que norteiam meus pensamentos e atitudes, e que sem as quais, não teria chegado até aqui. E tenho convicção de que suas orações foram de total relevância ao longo do meu percurso acadêmico.

As minhas irmãs maravilhosas, Abigail, Elizabeth, Mirian, Priscila e Elaice. E aos meus irmãos Eliezer e Elionay, que sempre me apoiaram e me incentivaram na busca pelo conhecimento, pois estiveram invariavelmente ao meu lado. Sou eternamente grata. Aos meus sobrinhos, Breno, Jhonathan, Marcus Daniel e João Lucas, à vocês meu amor eterno.

Ao meu companheiro e amigo Jonas Arnoud, grata pelo seu apoio, que foi incansável em sua dedicação, incentivou-me a continuar a jornada, sempre com muito amor e carinho, ajudando-me a realizar este sonho.

Agradeço as minhas colegas/amigas da turma História 2016, Érita Paloma e Liane Tavares, que foram as pessoas importante na minha jornada acadêmica. Grata pela reciprocidade e companheirismo. Vocês viverão na minha história. Amo vocês.

Aos meus tios Francly e Zeca pela ajuda e acolhida em sua residência durante a pesquisa, obrigada pela disponibilidade e apoio.

As mulheres entrevistadas da pesquisa que foram cruciais para a construção deste trabalho, contribuindo diretamente para que este efetivasse, e através de suas experiências pude notar a riqueza que há na região ribeirinha visitada. Meus sinceros agradecimentos a vocês.

A todos que direto ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho, muito obrigada.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a utilização de ervas medicinais pelas mulheres em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais na Ilha do Tentém, no município de Cametá, na perspectiva de identificar a resistência da prática empírica e os saberes do uso de plantas medicinais, sendo transmitido culturalmente pelas pessoas mais velhas, como avós, mães e tias na referida localidade. Assim, se observou como se configuram as diversas plantas e conseqüentemente sua utilidade para a saúde humana, e a forma como as mulheres realizam o cultivo, a coleta, e a manipulação dessas ervas. Para tanto, se busca apoio teórico-metodológico em obras de autores, cujos estudos se voltam para o estudo do uso, saberes, técnicas de manipulação de plantas e ervas medicinais, como a respeito da análise metodológica a respeito da escrita em história como: ALBERTI (2005), ALBUQUERQUE Jr (2007), LÔBO (2014), ALMEIDA (2010), CEOLIN (2009), BANÓSKI (2002), SHERLYANE PINTO (2018), GOMES e QUEIROZ (2003), HOBBSAWN (1998), TOSI (1998), ALAMBERT (1986), MERLINO (2010), SILVA (2016), CORRÊA (2010), PEREIRA (2014), PINTO (2004, 2010), SHARPE (1992), ZULEIKA (1998). Assim como, foram utilizadas fontes escritas, imagéticas e orais, mediante as informações extraídas dos diálogos. Desta forma, se realizou pesquisa de campo, através de observação, gravação de entrevistas e conversas informais principalmente com mulheres e demais habitantes da Ilha do Tentém, que em sua maioria utiliza as ervas para cura de suas doenças. Tal metodologia auxiliou no entendimento do conhecimento na utilização das ervas medicinais e também das práticas que essas mulheres desenvolvem na sua comunidade. Dados da pesquisa constataram que há preocupação destas mulheres em repassar esses conhecimentos, ensinando suas filhas através da oralidade e do uso de plantas curativas, de utilização comum na referida comunidade ribeirinha. Desse modo, tais mulheres ganham visibilidade na referida ilha, ao compartilharem saberes e práticas na utilização de plantas medicinais, ajudam as pessoas da comunidade, elencando suas ricas contribuições para a sociedade, com todas suas possíveis peculiaridades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Saberes Tradicionais; Oralidade; Plantas Medicinais

## LISTA DE IMAGENS

**Imagem 01-** Mapa de localização do município de Cametá-PA, FONTE: Ademir Rocha.

**Imagem 02-** Dona Luzia Batista no seu jirau com plantas comestíveis e medicinais, localizado na sua residência.

**Imagem 03-** jirau de dona Luzia Batista.

**Imagem 04-** jirau com plantas comestíveis e medicinais, localizado na residência de dona Luzia Batista, onde se observa os seguintes tipos de plantas: cebolinha, babosa, vergamota, hortelã, pariri, caatinga de mulata, mastruz, mocricida e entre outros.

**Imagem 05-** Maria do Carmo Maciel, conhecedora de plantas medicinais.

**Imagens 06 e 07-** Plantas medicinais: anador e acrozen, respectivamente, localizado na ponte de Maria do Carmo Maciel.

**Imagem 08-** Elgina Medeiros Maciel, conhecedora de plantas e ervas medicinais, localizada na ponte de sua residência.

**Imagem 09-** Ponte com plantas comestíveis e medicinais, localizado na residência de Elgina Maciel, onde se observa os seguintes tipos de plantas: cicurijú, arruda, hortelã, terramicina, pirarucu, vergamota, favaca, chicória, pimenteira e outros.

**Imagens 10 e 11-** Plantas medicinais: estoraque e ortiga respectivamente, localizado na ponte de D. Elgina Maciel.

**Imagens 12 e 13-** Plantas medicinais: cicurijú e arruda respectivamente, localizado na ponte de dona Elgina Maciel.

**Imagem 14-** Igreja católica Bom Jesus dos Navegantes de Tentém, também a Pastoral da criança, localizado na Ilha Tentém.

## Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	12
CAPÍTULO I:	
SABERES TRADICIONAIS DAS PLANTAS MEDICINAIS.....	19
1.1. UM PANORAMA HISTÓRICO DA UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS....	19
1.2. O PAPEL SOCIAL DA MULHER E SUAS REPRESENTAÇÕES AO LONGO DO TEMPO.....	23
1.3. BREVE SÍNTESE SOBRE MULHERES QUE DETÊM CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS PRESENTE EM OBRA LITERÁRIA.....	29
CAPÍTULO II	
IDENTIDADES CULTURAIS (RE) CONSTITUÍDAS NOS SABERES E FAZERES COTIDIANAMENTE CONSTITUÍDOS NA ILHA TENTÉM.....	32
2.1. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA ILHA TENTÉM.....	32
2.1.1. CARACTERÍSTICAS CULTURAIS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO E PARTILHAS DE SABERES SOCIAIS DAS MULHERES NA ILHA TENTÉM.....	38
2.2. “REMÉDIO CASEIRO CURA OS MALES DO CORPO E DA ALMA” .....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho intitulado *Saberes Sociais e Culturais das Mulheres da Ilha Tentém, no Município de Cametá, Pará: um Estudo s Respeito da Utilização de Plantas Mediciniais* tem como objetivos analisar a utilização de ervas medicinais pelas mulheres em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais nesta ilha, na perspectiva de identificar a resistência da prática empírica e os saberes do uso de plantas medicinais, sendo transmitido culturalmente pelas pessoas mais velhas, como avós, mães e tias na referida localidade.

Neste sentido, pode-se notar que as referidas práticas curativas são encaradas pela população de forma positiva e essencial para o cuidado da saúde, visto que o acesso aos serviços públicos de saúde ocorre de forma não satisfatória, havendo a necessidade de viajar até a sede municipal de Cametá em pequenos barcos, enfrentando dificuldades em relação aos casos de urgência e emergência, pois a durabilidade das viagens variam de 40 minutos a 1 hora de viagem.

Nesse contexto, o uso de ervas medicinais exerce um papel de grande relevância, na medida que assegura a essa população autonomia no tratamento de enfermidades, chegando muitas vezes a salvar vidas. Em virtude disso, percebe-se a necessidade de reconhecer e valorizar a participação de mulheres na sua comunidade ribeirinha através de seus recursos fitoterápicos, bem como a sua utilização no atendimento às suas necessidades de saúde e sobrevivência no que se refere as doenças, tendo como alternativa as plantas medicinais, em substituição muitas vezes aos produtos alopáticos.

É importante mencionar que tenho uma vivencia peculiar na Ilha Tentém, pois é onde a minha família materna reside. Meu primeiro contato com a comunidade ocorreu ainda na adolescência, vivenciei as práticas de cura da minha falecida avó Maria Maurícia, que desempenhava funções de benzedeira e puxadeira. E, assim, exercia um papel importante na comunidade, ajudava diversas mulheres no período gestacional e também crianças quando estavam enfermas. Um aspecto a ser evidenciado, é em relação ao diversos tipos de plantas que a minha avó cultivava em pequenos jiraus feitos na ponte de sua residência, demonstrando seu cuidado para com plantas e ervas medicinais.

Lembro-me ainda da minha vivencia quando ia passar as férias no lar de minha avó, presenciava as rodas de conversas em que notava a predominância da fé juntamente com a presença das plantas, pois eram inseparáveis. Também a descrição de algumas enfermidades e o poder das ervas medicinais para curá-las, e a preocupação que ela tinha em repassar esses conhecimentos para seus filhos e netos. Felizmente, alguns de seus filhos e netas, com o aprendizado que adquiriram com a ela, detém esse conhecimento e ajudam diversas famílias.

A partir dessa vivencia que tive com minha avó, passei a me questionar para compreender melhor porque utilizavam as plantas medicinais como viés de cura? qual a importância desse tipo de cura com ervas e plantas medicinais, utilizados principalmente pelas mulheres? Que tipo de repercussão o tratamento com plantas medicinais exerciam nos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais na Ilha Tentém? Havia algum tipo de resistência da prática empírica e dos saberes do uso de plantas medicinais utilizadas pelos habitantes desta ilha? Como esses saberes estavam sendo transmitido culturalmente pelas pessoas mais velhas, como: avós, mães e tias na referida localidade? E, assim, foram através das inquietações surgidas nessa vivencia, e memória adquirida, com minha saudosa avó, que resultou no interesse de elaborar o presente estudo.

Interesse que se fortaleceu ainda mais no curso de História, durante a disciplina *Gênero e Sexualidade*, ministrada pela professora Aline Tavares, que foi de fundamental importância para minha formação pessoal e acadêmica. Pois, o conteúdo bibliográfico desta disciplina tratava do papel feminino na sua especificidade, principalmente das ações empreendidas pelas mulheres, evidenciando o feminismo na sociedade, com suas lutas e avanços significativos, desencadeando processos de resistências e reconhecimento por suas valorosas participações no cenário público, e não somente no privado. Dessa forma, Zuleika faz uma reflexão a respeito do gênero feminino, em que:

Apesar de seus grandes êxitos, o Homem não conseguiu ainda solucionar problemas vitais da humanidade, como a fome, as guerras, a depredação do meio ambiente, o racismo e as desigualdades sociais. Entre estas, umas das mais graves, porque atinge metade da humanidade, é a sofrida pelas mulheres. O fato é que há milênios a mulher foi e continua sendo o mais humilhado e oprimido entre todos os desprivilegiados. É lógico que, à medida que as sociedades humanas evoluíram, as formas discriminatórias contra a mulher também se transformaram. Tornaram-se refinadas, sofisticadas, mas nem por isso menos inadmissíveis do que na época da pedra lascada (ZULEIKA, 1998).

De acordo com a autora Zuleika, pensar historicamente o gênero feminino, a medida que a sociedade vai se configurando fica vidente os avanços e retrocessos, em um

ambiente social que ainda predomina o patriarcado, ou seja, valoriza-se o desempenho e o trabalho masculino elencando a sua aptidão aos assuntos públicos, enquanto que as mulheres há uma negação ao seu desempenho das funções relacionadas as atividades sociais, destacando e valorizando somente a vida doméstica e familiar na qual estão inseridas, pois, a ideologia burguesa reforçou esta ideia da posição subalterna da mulher (ZULEIKA, 1998). Desta maneira, o presente estudo visa fazer um olhar panorâmico acerca do papel feminino na sociedade contextualizando na Ilha do Tentém, no município de Cametá, buscando evidenciar como as lutas feminina vem ocorrendo gradativamente no decorrer do tempo, a valorização e o reconhecimento de mulheres que possuem o dom de cura através das ervas medicinais e como ocorrem essa conquista, visando analisar a utilização de ervas medicinais pelas mulheres desta localidade, além de seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais.

Metodologicamente, utiliza-se como apoio teórico obras de autores, que se voltam para o estudo do uso, saberes, técnicas de manipulação de plantas e ervas medicinais, como: Para tanto, se busca apoio teórico-metodológico em obras de autores, cujos estudos se voltam para o estudo do uso, saberes, técnicas de manipulação de plantas e ervas medicinais, assim como aqueles que se ocupam a respeito de análises da escrita em história, como: ALBERTI (2005), ALBUQUERQUE Jr (2007), LÔBO (2014), ALMEIDA (2010), CEOLIN (2009), BANÓSKI (2002), LOUZADA PINTO (2018), GOMES e QUEIROZ (2003), HOBBSAWN (1998), TOSI (1998), ALAMBERT (1986), MERLINO (2010), SILVA (2016), CORRÊA (2010), PEREIRA (2014), PINTO (2004, 2010), SHARPE (1992), ZULEIKA (1998)., além de outros. Cujas discussões foram acrescidos fontes escritas, imagéticas e orais, mediante entrevistas e relatos orais. Desta forma, se realizou pesquisa de campo, através de observação, gravação de entrevistas e conversas informais principalmente com mulheres e demais habitantes da Ilha do Tentém, que em sua maioria utiliza as ervas para cura de suas doenças. Tal metodologia auxiliou no entendimento do conhecimento na utilização das ervas medicinais e também das práticas que essas mulheres desenvolvem na sua comunidade.

Trata-se em linhas gerais de uma pesquisa qualitativa, que adota como estratégia para coleta de dados entrevistas semiestruturadas. Para Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental” (MOREIRA,

2002, p.52). Da mesma forma, a entrevista semi-estruturada, conforme a defende Triviños (1987) “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”, mantendo “a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152)

Visto que, as lutas das mulheres e o reconhecimento de suas habilidades se intensificam a partir dos movimentos sociais, iniciados na década de 1970, demonstrando avanços significativos na esfera pública (ZULEIKA, 1998). Ademais, outro ponto crucial para entendermos o processo histórico direcionado ao gênero feminino, é refletir sobre a história vista de baixo, sendo fundamental para compreendermos o processo histórico das classes inferiores (SHARPE, 1992, p. 39-62).

Para Jim Sharpe, durante muito tempo a história direcionava somente para a “história da elite”, valorizando seus grandes feitos e colocando numa posição superior, assim, historiadores como Edward Thompson a partir de 1966 começou a trabalhar o conceito de história vista de baixo, publicando diversas obras como por exemplo “*a formação da classe operária inglesa (a árvore da liberdade)*”. Nesta obra é perceptível a participação de grupos peculiares, como a classe operária inglesa.

Pois, trata-se de um grupo esquecido, estando a margem sociedade, e dessa forma, tão pouco valorizados pela sociedade Inglesa. Mas tão valorizados e exaltados pelo Historiador Edward Thompson, que analisou com sucesso o passado social da Inglaterra, com ênfase a classe operária inglesa, em que é perceptível as mudanças e transformações ocorrida naquele período. Sem dúvida, a classe operária possui sua historicidade, a história de homens e mulheres no tempo que reivindicavam por melhores condições de vida, enfim, trazendo experiência de uma cultura popular.

Desta maneira, torna-se relevante ressaltar questões que tratam a história, a cultura e a memória dos “excluídos da história”, explorar as experiências históricas de homens e mulheres, cuja existência é ignorada ou mencionado superficialmente. Em consonância, a tais questões o presente estudo visa compreender as histórias de mulheres ribeirinhas, evidenciando de reconhecimento pelos seus grandes feitos em prol de sua comunidade, evidenciando seus feitos, suas ricas contribuições. E para esta empreitada, a utilização de técnicas da história oral, foram de fundamental importância. Pois, a oralidade se constituiu como uma das fontes preponderantes para a tessitura do presente estudo, foi através dos diálogos com mulheres da Ilha Tentém, que ao relatarem suas vivências, experiências e memórias, se tomou conhecimento a respeito de como tais

mulheres utilizam plantas e ervas medicinais com finalidades terapêuticas, assim como, as técnicas de manipulação e preparos das receitas caseiras, que utilizam para curar suas doenças.

Conforme afirma Alberti (2005),

a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2005, p. 155).

No mesmo sentido, Albuquerque Jr, afirma que o oral não deve ser oposto de forma dicotômica ao escrito, uma vez que são duas realidades distintas e distantes, “como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos (ALBUQUERQUE Jr, 2007, p.230).

É através da oralidade, da fala de mulheres e de demais moradores da Ilha de Tentém, que este estudo se constituiu, buscando melhores entendimentos acerca das práticas ligadas ao uso de plantas e ervas medicinais. Pinto evidencia, na obra *Filhas das matas práticas e saberes de mulheres quilombola na Amazônia Tocantina* (2010), que relevância da história oral e da memória se tornaram indubitavelmente necessárias que as comunidades negras rurais da região do Tocantins, no Pará, pudessem para dar visibilidade a historicidade de homens e mulheres, que resistiram ao processo escravistas, constituindo redutos livres, auto suficientes. Assim como, transmitir de uma geração para outra, saberes, práticas de curas e técnicas de manipulação e preparo de poções e unguentos a base de plantas e ervas medicinais, com os quais curam suas enfermidades.

Desta forma, é importante enfatizar que os relatos orais e as histórias de vida, por ser um meio rico de transmitir experiências coletivas, caracterizam-se em visão de mundo subjetiva, que pode ser determinada por configurações histórica e social. Neste sentido, o relato pessoal torna capaz de transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo que é possível em uma determinada configuração histórica e social, e atualmente há diversas fontes escritas com características subjetivas podendo construir um objeto do pensamento científico. Assim, surgiram historiadores que passaram a se interessar pela vida cotidiana, pela família, pela cultura de povos e diversas formas de sociabilidade, e pelo “tempo presente”, evidenciando um interesse pela história oral (ALBERT, 2006).

Segundo Albert, a história oral possui um leque de possibilidades, sendo um caminho interessante para conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Desta forma, “são ações que utilizam a História oral como forma de reforçar e legitimar a identidade de grupos comumente marginalizados” (ALBERT, 2006, p. 165).

Neste sentido, o uso de plantas medicinais na perspectiva terapêutica, de acordo com Fernandes, é historicamente conhecido e utilizado em diferentes culturas em todo o mundo, adquirindo alterações diante do advento da terapêutica sintética, e industrializada, em meados do século XX. É nesse contexto, que diversas indústrias farmacêuticas brasileiras passaram a exercer certas modificações dando vez ao mercado farmacêutico, e com isso, negligenciando a utilização de plantas medicinais como base terapêutica (FERNANDES, 2004).

No caso da região Amazônica, a floresta possui uma diversidade abrangente de recursos naturais, Conforme menciona Lôbo,

A imensa floresta amazônica possui uma diversidade de espécie de plantas que podem ser consumidas na alimentação, na medicina. Dessa região são extraídos da floresta: cascas, raízes ervas, sementes e cipós. Há estudos que mostram que das florestas tropicais, já foram retirados aproximadamente 25% de princípios ativos farmacêuticos usada pela medicina. O interesse pela Amazônia é tanto que laboratórios do Brasil e do exterior, estão em busca de recursos vegetais, para encontrar as substancias para a preparação de medicamentos para lançarem no mercado (LÔBO, 2014).

A partir desta análise, observa-se que a floresta amazônica também funciona como um meio de subsistência para os que nela habitam, que consomem seus recursos, como por exemplo, as diversas espécies de plantas servem para a alimentação e também para medicina, demonstrando a riqueza que o Brasil possui. No entanto, como evidencia Lôbo, uma parcela significativa de princípios ativos da Amazônia é retirada e usada pela indústria brasileira de medicina, para fazer novas substancias que garantem a saúde de pessoas, também o interesse pelos recursos naturais concentra-se no exterior, para adquirir novas substancias para a preparação de remédios (LÔBO, 2014).

Contudo, observamos que existe diversos autores que se disponibilizaram a trabalhar as plantas medicinais nas diferentes concepções e interpretações, que nos ajudam a compreender o papel que elas exercem em nossa sociedade.

Conforme afirma Almeida, na floresta amazônica há grande diversidade de plantas, ervas, raízes, sementes e outros matérias que podem ajudar no tratamento de diversas doenças, possuindo uma vasta farmácia de produtos naturais, que são utilizados no processo de cura de diferentes doenças pelos habitantes desta região. O Brasil possui entre 60 e 250 mil espécies vegetais, entre as quase entorno de 40% possuem efeitos medicinais, o que pode ser visto como um vasto potencial de estudos e pesquisas envolvendo plantas medicinais (ALMEIDA, 2010).

Partindo dos pressupostos, o presente estudo está constituído de dois capítulos. O primeiro capítulo, *Saberes Tradicionais das Plantas Medicinais*, decorre a respeito de um panorama histórico das diversas formas de utilização das ervas e plantas medicinais, bem como suas representações através de determinados grupos étnicos como indígenas e negros que exercem grande relevância neste cenário. Também destaca o papel social da mulher ao longo do tempo, elencando suas lutas e conquistas, resistindo a todas as formas de opressões para adquirir visibilidade e reconhecimento por seus grandes feitos e, por fim faz uma abordagem pertinente a respeito da obra literária de Dalcídio Jurandir, que traz elementos da realidade cotidiana como as mulheres que detém conhecimentos relacionados a ervas e plantas medicinais, com um reconhecimento social abrangente, pois ajudam a sua comunidade, no que tange a saúde do corpo.

O segundo capítulo, intitulado *Identidades Culturais (Re) Constituídas nos Saberes e Fazeres Cotidianamente Constituídos na Ilha Tentém* trata a respeito das características geográficas, econômicas e culturais da comunidade ribeirinha Ilha Tentém, bem como, seu modo de relacionar com o meio em que os sujeitos estão inseridos. Também torna-se evidente as determinadas mulheres que foram entrevistada, relatando como ocasionou o processo de aprendizado em relação aos saberes tradicionais das plantas e ervas medicinais, evidenciando suas práticas relevantes em sua comunidade, e também o fazer remédios caseiros e suas propriedades com grande eficácia.

# **CAPÍTULO I:**

## **SABERES TRADICIONAIS DAS PLANTAS MEDICINAIS**

### **1.1. UM PANORAMA HISTÓRICO DA UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS**

O homem primitivo sempre buscou na natureza as soluções para os diversos males que o acometiam, fossem esses de ordem espiritual ou física. Aos feiticeiros, considerados intermediários entre os homens e os deuses, cabia a tarefa de curar os doentes, unindo-se, desse modo, magia e religião ao saber empírico das práticas de saúde, a exemplo do emprego das plantas medicinais (CEOLIN, p. 20).

Ao longo do tempo, para suprir suas necessidades vitais como alimentação e saúde, os povos antigos buscou na natureza os recursos básicos de sobrevivência. Assim, o meio natural passou a exercer a fonte de vida para homens e mulheres no percurso de seu tempo, garantindo uma certa dependência dos recursos que a natureza dispõe, gerando até na atualidade fontes vitais de sobrevivência e desempenhando uma ligação direta entre homem/natureza. Outra relação a ser destacada é a questão da magia juntamente com a fé, unidas em um só propósito de cura, eram sem dúvidas a forma eficaz de garantir a saúde da mente e do corpo (CEOLIN, 2009).

Neste sentido, Solange Aparecida Banóski menciona que “há placas de barro babilônicos de 3.000 anos a.C., que ilustravam tratamentos médicos, e outras mais recentes que registram importantes ervas.” Nota-se que desde os tempos pré-históricos, a utilização de ervas medicinais como recursos fitoterápicos era o principal meio que os povos ameríndios tratavam das doenças e também as ervas eram usadas como fontes aromáticas e cosmética. Percebe-se as diversas formas de utilidade das plantas e com funções que tratavam e preservavam o corpo de ações prejudiciais (BANÓSKI, 2002).

Na idade média, as plantas medicinais eram tão valorizadas e respeitadas que elas possuíam poderes sobrenaturais como por exemplo, de espantar espíritos ruins, tirar toda a inveja e atrair energias positivas, ajudar no equilíbrio mental e essas concepções são preservadas até em nossos dias. Com isso, Banóski acrescenta “Na Idade Média acreditava-se que determinados aromas espantavam os espíritos das doenças que

acometiam o corpo. Assírios e Hebreus também se dedicaram ao cultivo de várias plantas consideradas úteis” (BANÓSKI, 2002)

Segundo Banóski, outra característica relevante que deve ser mencionada a respeito da historiografia das plantas medicinais brasileiras é que no Brasil,

desde a época do descobrimento, os colonizadores observaram e anotavam o uso frequente de ervas pelos Índios. É essencial não esquecer que o grande mestre de Piso, foi o Índio brasileiro, e ele honestamente em mais de uma passagem reconheceu a superioridade da terapêutica indígena sobre a europeia. Note-se o testemunho de Piso em Pernambuco: Os Índios precedem de laboratórios, ademais, sempre tem à mão sucos verdes e frescos de ervas. Enjeitam os remédios compostos de vários ingredientes, preferem os mais simples, em qualquer caso de cura, visto que por estes medicamentos os corpos não ficam tão irritados (BANÓSKI, 2002, p. 3).

Em virtude disso, os indígenas foram os primeiros a utilizarem as ervas medicinais, tendo em vista a sua relação harmoniosa com a natureza, proporcionando formas comuns de sobrevivência. Sociedades indígenas são rodeados pela magia e o respeito com o meio natural, em que as plantas eram a cura do corpo e da alma, nota-se que a partir da colonização, os europeus passaram não só a admirar, mas também a usufruir dos saberes das ervas. Da mesma forma, Lobo (2014) menciona “Vivendo em plena floresta, os nativos extraíam dela tudo o que precisavam para a sua sobrevivência e ao longo dos tempos foram adaptando e dominando um conhecimento amplo da natureza.” (LOBO, 2014, p. 20)

Nesta perspectiva, esses saberes foram de grande relevância, pois vivendo em meio a diversidade ambiental, os indígenas conheciam as espécies de plantas que exerciam a cura e sabiam diferenciar das ervas danosas. Neste sentido, com a necessidade rotineira de buscar da floresta somente o essencial para a sua sobrevivência, os indígenas viviam em harmonia com o seu habitat, porém, com a chegada da colonização essa vivencia harmoniosa sofreu alterações, pois juntamente com os europeus chegaram doenças, em que os indígenas não souberam eliminar, ocasionando mortes. Assim, baseado nas suas crenças e valores, os indígenas criaram resistências para continuarem fortes o bastante para com o auxílio da natureza resistirem à forte dominação portuguesa (LOUZADA PINTO, 2018).

Outro fator relevante a ser mencionado, é a participação que os negros tem na historiografia das plantas medicinais brasileiras em que:

Durante a expansão marítima no século XV, os portugueses comerciantes passaram a adentrar na África, na busca desenfreada pelo ouro. Todavia eles foram percebendo que também poderiam lucrar com outra mercadoria – os escravos. A princípio, os negros eram capturados por excursões portuguesas que agiam diretamente nas aldeias do continente africano. Em que, perturbavam e faziam prisioneiros seus habitantes (LOBO, 2016, p. 22).

A busca desenfreada pela riqueza, fez os portugueses a dominarem e a explorar a mão de obra negra. Com isso, percebe-se que além de ocorrer a exploração, os portugueses tentaram eliminar sua cultura, suas práticas religiosas e também fizeram dos negros africanos uma mercadoria de mão de obra barata. No século XVI, o tráfico negreiro ganhava proporções e dimensões maiores, obtendo formas lucrativas na América portuguesa tornando a escravidão africana como símbolo de lucratividade e grandes riquezas na metrópole portuguesa, por ser uma mão de obra barata, a coroa portuguesa explorava e massacrava os negros africanos (Sherlyane PINTO, 2018).

A historiografia nos mostra que é preciso considerar o grande interesse em torno dos recursos que o tráfico negreiro gerava e o fato da principal mão de obra utilizada, ou seja, tanto a força de trabalho indígena como a mão de obra africana exerceram componentes preponderantes para em virtude desse processo haver a resistência desses grupos explorados, que acompanhavam extermínio e forte oposição de grupos religiosos principalmente os jesuítas – ao seu aprisionamento e exploração (LOBO, 2016).

Assim, Segundo Gomes e Queiroz, tendo em vista essa escravidão africana e suas fronteiras que ocasionou essa desconstrução no que diz respeito a africanização, destaca-se a introdução de escravos africanos na Amazônia, por intermédio da Companhia de Comércio do Maranhão:

“De acordo com Arthur César Ferreira Reis, porém, os primeiros negros chegaram à Amazônia por intermédio dos ingleses, nas últimas décadas do século XVI e na primeira do século XVII tentaram apossar-se do extremo norte do Brasil. Através de feitorias, entre a costa de Macapá e a zona dos estreitos, tentavam estabelecer uma empresa colonial agrária de vulto, plantando cana para a fabricação de açúcar e rum. A opção pelo braço africano teria decorrido do fato de os aventureiros planejarem conquistar o apoio dos índios para estabelecer seu domínio.” (GOMES e QUEIROZ, 2003, p, 141).

A esse respeito, analisando a questão dos escravos negros, podemos compreender que o fluxo de escravos africanos se dava na região de Macapá, devido exercer um papel significativo para a política colonial metropolitana, uma vez que

contribuía para a defesa territorial e conseqüentemente permitia a exploração econômica. A presença africana na região, de modo geral, havia aumentado consideravelmente após a criação da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, em 1755. Assim observou-se segundo Patrícia Sampaio que a Amazônia também era escravagista exploração (GOMES E QUEIROZ, 2003).

Sobre a presença africana, em uma visão geral podemos analisar que com toda exploração, marginalização e formas de aculturação, notamos que traziam suas experiências que eram compartilhadas e misturadas aos povos indígenas, suas culturas, costumes persistiam, devido ao processo de resistência negra à escravidão.

Em suma, sobre suas formas diferenciadas de costumes, praticas religiosas e também ao que se refere as relações de cuidados com a saúde, os negros africanos dominavam e valorizavam as plantas medicinais, sendo parte de sua vida cotidiana. Dessa forma, sobres as diversas tarefas que executavam durante o dia, havia os que praticavam a medicina popular, vendendo ervas, remédios caseiros ou até mesmo desenvolviam relações de cura com pessoas doentes que necessitavam de acompanhamentos. As mulheres negras possuíam tarefas variadas, como afazeres domésticos, e grande parte dessas mulheres africanas eram parteiras, devido suas experiências tradicionais que carregavam, os conhecimentos empíricas dos seus antepassados sobre o manuseio das plantas medicinais (LÔBO, 2014).

Contudo, observa-se que manifestações de saberes culturais, conseguiram resistir através da forte dominação portuguesa, pois havendo o choque entre duas culturas, os povos africanos conseguiram preservar na memória, os diversos tipos de plantas, por meio da oralidade. Com isso, os conhecimentos que temos das plantas medicinais é por meio dos povos tradicionais, é relevante compreender que persiste em permanecer as práticas de curas. Nessa perspectiva, Lôbo menciona: “...durante alguns anos as práticas de curas tradicionais foram abordadas de forma desprezível por parte da elite dominante, no qual o conhecimento científico era o único que devia ser valorizado” (LÔBO, 2014).

Desta maneira, é perceptível a resistência dessas práticas sobre a utilização das plantas medicinais como forma de auxiliar no cuidado com a saúde humana, mesmo com a elite dominante tentando eliminar essas práticas, porém por meio da memória e oralidade conseguiu prevalecer (LOBO, 2014).

Contudo, sobre a historicidade abordada da utilização das ervas medicinais é pertinente ressaltar o sentido do passado e suas contribuições para a sociedade. Pois é o ramo da história que se preocupa em estabelecer compreensões e análises relevantes sobre como a sociedade se transforma, modifica e evolui com o passar do tempo. Assim, diversos historiadores dedicaram-se tempo para aprofundarem sobre essa temática tão importante para essa pesquisa (HOBSBAWN, 1998).

“O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.” (HOBSBAWN, 1998, p.22).

A História nos possibilita uma análise crítica e reflexiva a respeito das mudanças e permanência de homens e mulheres no percurso do tempo. Dessa forma, quando lidamos com sociedades e comunidades para as quais o sentido do passado segue o padrão do presente ligados aos valores, costumes e práticas, ocasionando assim, o desafio do historiador de encontrar as mudanças e permanência que ocorrem na sociedade, ou seja, compreender o passado social formalizado e enraizado nas práticas sociais. Pois, para Hobsbawn, ocorrendo transformações sociais o passado modela o presente, caracterizando o referencial para as ações (HOBSBAWN, 1998).

Neste sentido, é importante ressaltar que esse “sentido do passado” possui fortes ligações com a historicidade das plantas medicinais utilizadas pelas mulheres ribeirinha, em que as diversas raízes culturais como europeia, indígena e africana foram fundamentadas pelo conhecimento tradicional. Em virtude disso, essas práticas ancestrais tornam o modelo para presente, sendo perpetuado de gerações a gerações, garantindo a permanência desse saberes culturais.

## **1.2. O PAPEL SOCIAL DA MULHER E SUAS REPRESENTAÇÕES AO LONGO DO TEMPO**

A figura do feminino é o ponto de partida desta pesquisa, pois é notório que as revisões bibliográficas analisadas, partem do pressuposto de uma historicidade em um determinado tempo histórico e em um espaço. Onde os autores analisam com

profundidade os padrões culturais e internalizam em sua pesquisa historiográfica. E desta forma, se observa o papel social da mulher ao longo do tempo, a partir das experiências de diversos historiadores e/ou pesquisadores, que são indubitavelmente relevantes para se construir uma perspectiva histórica na qual as mulheres desenvolvem papéis importantes tanto no passado, quanto no presente.

Dessa forma, a participação das mulheres no contexto da revolução científica e a caça às bruxas que desencadearam suas implicações na sociedade dos séculos XVII e XVIII. A partir da experiência de Lucia Tosi em seu artigo “*Mulheres e Ciência, a Revolução Científica, a Caça às Bruxas e a Ciência Moderna*” (1998). Esse estudo é importante porque se propõe analisar a crescente luta pela participação das mulheres em cargos públicos antes tradicionalmente ocupados pelos homens, por que historicamente foi lhe dado esse papel e enquanto para as mulheres por razões culturais lhe foram repassado o privado, ficando responsável pelo cuidado da casa e filhos (ALAMBERT, 1986).

A caça às bruxas consiste em um dos grandes temas da historiografia, pois trata-se de um universo mágico que no século XV houve na Europa grandes perseguições à bruxaria. Sua história se dá devido a consolidação dos estados modernos, com a Reforma e a Contra Reforma e também com a Revolução Científica (TOSI, 1998).

A característica mais marcante dos processos de bruxaria e o da criminalização das mulheres. Até essa data seus responsáveis legais eram seus pais ou maridos e, portanto, as mulheres apareciam excepcionalmente nos tribunais. Inicia-se, então, um período no qual, particularmente as velhas que habitavam a região rural, viúvas a maior parte das vezes, começam a se apresentar em massa, acusadas de bruxarias (TOSI, 1998. p..373).

Tosi (1998) analisa que um aspecto relevante é que as perseguições a caça às bruxas se deu grande parte pelos homens (papas da Renascença, pelos reformadores protestante, pela Contrarreforma, pelos eruditos, humanista, legisladores, monges e padres). Podemos observar que o desencadeamento dos processos de bruxarias, é o da criminalização do sexo feminino, destacando as mulheres idosas que habitavam a região rural das cidades e que a maior parte delas eram viúvas, sem filhos e sem poder aquisitivo. A partir do século XV, as mulheres tomaram uma proporção maior nos diversos tipos de serviços (comercio e feiras), possibilitando seu trabalho para sua sobrevivência. No entanto, as autoridades civis e religiosas não aceitavam o

engajamento das mulheres nos diversos serviços, sendo incapazes de desenvolver tais atividades (TOSI, 1998).

Percebe-se, que as mulheres sem pai ou marido foram vítimas e incluídas na marginalização da sociedade, pois elas não tinham um homem para gerenciar suas vidas e, dessa maneira, são incapazes de exercer funções significativas, tendo em vista a superioridade masculina fortemente nos séculos XV e XVII (TOSI, 1998).

As mulheres velhas e pobres que viviam sozinhas no meio rural eram condenadas por práticas demoníacas, acusadas de bruxaria, e havia o predomínio dessas mulheres nas áreas rurais da Inglaterra e da Europa continental dos séculos XV e XVII, e suas práticas eram denominadas magia benéficas que eram identificados por diversos nomes: mulher sabia, bruxa, curandeira e elas exerciam diversos serviços como: adivinhações, cura através da medicina popular, magia amorosa e entre outros (TOSI, 1998).

Essas atividades eram vista por práticas demoníacas, isso fica evidente o fato de que as mulheres eram excluídas, vítimas do preconceito machista, desclassificando-as por ser mulher (ALAMBERT, 1986). Lucia Tosi cita Christina Lerner, cujos estudo classifica a medicina popular em: prático e mágico. O prático consiste em ervas minerais com grande eficácia e o mágico é caracterizado por um ritual sobrenatural com o poder da mulher ou do homem, esses dois eram inseparáveis, havendo uma harmonia entre os mesmos:

Christina Lerner lembra que a medicina popular apresentava um duplo aspecto: prático e mágico. O primeiro consistia no uso de ervas e minerais de reconhecida eficácia. O segundo, inseparável do primeiro, comportava o ritual mágico e o poder da mulher ou do homem sábios. Havia, além disso, uma distinção essencial entre essa e a medicina oficial: todos os especialistas desta última eram homens enquanto que a maioria dos/as praticantes da primeira eram mulheres (TOSI, 1997, p .375).

Desta forma, na medicina popular a maioria dos praticantes era mulheres, tinham o dom da cura com as ervas e a medicina oficial aquela que está direcionado ao conhecimento científico, todos os especialista eram homens. Observa-se um duplo conhecimento relacionado a saúde, sendo notório a participação da mulher na medicina popular, em que era classificado como prática ilícita. Assim, a inferioridade da mulher prevalecia, pois ela nasceu desprivilegiada de conhecimentos, pois ela possuía a sensibilidade física e moral, não controlando seus desejos, enfim, incapaz de tudo, e para adquirir tais conhecimentos e saberes misteriosos era pactuando com o demônio

(meios ilícitos). A imagem da bruxa foi feita por Inquisidores católicos, padres protestantes e a elite burocrática, inferiorizando as mulheres por desempenhar conhecimentos empíricos (TOSI, 1998).

O fim da perseguição as bruxas acabou entre 1680 e 1684 na Europa Ocidental e depois nos países periféricos, devido a vitória da Revolução Científica, propagação do Cartesianismo e seu universo mecanicista (TOSI, 1998).

Tosi (1997) afirma que na Inglaterra e nos EUA sustentava o conceito de que o trabalho da mulher é um complemento do trabalho do seu marido, sendo necessariamente menos remunerado. Ocasionalmente a desigualdade salarial das mulheres e dos homens, na qual estes sempre ganhavam mais, mesmo se tratando do mesmo serviço entre ambos os sexos. Assim, “a mulher continua exclusivamente acantonada em alguns setores da economia (o terciário, por exemplo) e em profissões ditas femininas (datilógrafas, professoras, nutricionistas, tecelãs...)” (TOSI, 1997, p.45).

Percebe-se que a autora deixa evidente que havia trabalhos direcionados somente para mulheres, ou seja, aqueles considerados leves, sem nenhum esforço físico. Pois na visão machista da sociedade, o sexo feminino possui sua essência sensível, sentimental e passiva, característica essas que cabe somente aos trabalhos do lar e os que não exigem esforço físico. Reforçando a imagem tradicional da mulher com estereótipos que persiste em recusar a promover igualdade de condições com o sexo masculino (TOSI, 1997).

Além da mulher trabalhar no ambiente doméstico e nas fabricas exercendo uma dupla jornada de trabalho, ainda assim ela é inferiorizada e menos assalariada. Evidenciando uma extrema desigualdade entre homem e mulher (TOSI, 1997).

Contudo, as mulheres começaram a reivindicar espaços, direitos e autonomia nas suas escolhas e garantindo igualdades, com isso em 1871 o sexo feminino deixou evidente na sociedade que elas podem revolucionar assim como os homens. Para as mulheres, ficou notório que lutar contra o inimigo de classes não evidenciava, necessariamente a emancipação de seu sexo, mas nascia o entendimento que a sua libertação só poderia ser alcançada por meio da sua própria luta organizada (ALAMBERT, 1986). Assim, ainda de acordo com Zuleika Alambert (1986):

Recordemos também que a luta das sufragetas, iniciada depois de 1848 nos EUA, na França e em outros países da Europa, pelo direito de voto para a mulher, foi a primeira luta específica que abrangeu mulheres de diferentes classes sociais. Mesmo assim, foi uma luta dura e prolongada, que requereu

uma infinita paciência e enorme capacidade de organização. Prolongou-se nos EUA e na Inglaterra por cerca de sete décadas (ALAMBERT, 1986, p.44).

É importante salientar a contribuição significativa das sufragetes, com a primeira reivindicação pelo direito ao voto, na qual foi um ponto de partida para a sociedade entender que as mulheres unidas, teriam forças necessárias para resistir as diversas formas de opressão. Dessa maneira, foi uma luta com obstáculos e se estendendo por um longo período de tempo nos EUA e na Inglaterra, demonstrando que a sociedade patriarcal não estava satisfeita com as mobilizações realizadas pelas mulheres e com o objetivo que queriam alcançar. De certo, que somente após a Segunda Guerra Mundial, precisamente na década de 60 que as exigências estabelecidas pelas sufragetes viriam a ser formuladas e criadas condições em tempos modernos, a maneira de pensar, de viver, e agir da mulher (ALAMBERT, 1986).

Em consonância, esses fatos contribuiu significativamente para elevar milhões de mulheres a exercerem atividades públicas, nos diversos setores como nas área política, social e econômico. E também favoreceu a compreensão de tudo aquilo que fora designado à ela como sexualidade, maternidade, educação das crianças e outros, evidenciando que as mulheres podem alcançar níveis mais elevados como no âmbito político e público, dessa forma:

“Só então a mulher começou a ganhar consciência real da contradição profunda entre sua participação cada vez maior na vida social e sua existência privada tradicional, onde cada mudança para ocorrer tem que consumir décadas e séculos. Esta consciência revelou-se não só através da luta melhor organizada das mulheres em todo o mundo por libertação, apesar de sua aparência exterior de profunda anarquia: através do surgimento de um forte (embora profundamente diversificado) movimento feminista e da explosão de uma importante e marcante literatura feminista.” (ALAMBERT, 1986, p.46)

Compreende-se que a partir da luta das sufragetes, as mulheres passaram a adquirir consciência da contradição que a sociedade lhe impusera, elas passaram a adquirir espaços sociais, enquanto que o ambiente tradicional e privado estava sofrendo grandes modificações. Porém, demorou-lhe tempo para ocorrer está tão sonhada liberdade de ocupação, assim, a luta das mulheres trouxe-lhe a revelação e concretização de que a organização do movimento de luta adquiriu tal relevância devido à união aclamada pela libertação e que aflorou novos mecanismos de possibilidades,

ênfatizando a crescente valorização da mulher através do movimento feminista, que traria consigo novos olhares, perspectivas e libertações de estereótipos (ALAMBERT, 1986).

No mesmo sentido, no contexto ditadura militar brasileira, se formos fazer uma análise minuciosa nos materiais didáticos, veremos que o papel social feminino nesse contexto está de certa forma na invisibilidade. É evidente que o relato oficial sobre a trajetória do Brasil como nação é estritamente masculino, a historiografia nos mostram os heróis de terno e gravata (MERLINO, 2010).

Dessa maneira, as mulheres contribuíram significativamente no processo da ditadura militar lutando em prol dos direitos, da igualdade e liberdade. Na construção política e cultural do nosso país as mulheres deram importantes contribuições, pois participaram nos movimentos sociais brasileiros (MERLINO, 2010).

Tatiana Merlino em seu livro *Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino* (2010), traz a dimensão feminina, sua luta e resistência no processo da Ditadura Civil-Militar, em que há um registro de 45 mulheres brasileiras que vivenciaram e morreram lutando contra a todas as formas de opressões e também narra o testemunho de 27 mulheres sobreviventes. Assim, a autora nos remete que:

Ao longo da história do Brasil, a luta de resistência das mulheres é recorrente. Durante a Ditadura Civil-Militar, implantada com o golpe de 1964, as mulheres também foram protagonistas, como militantes da resistência e como organizadoras da sociedade civil para o retorno do país à democracia. Ao homenagear mulheres brasileiras que resistiram à tirania do poder e o enfrentaram, resgata-se a memória de acontecimentos singulares e iluminam-se lacunas ainda existentes em nossa história (MERLINO, 2010, p.28).

É perceptível a decorrente luta das mulheres na Ditadura Civil-Militar, na qual suas experiências foram amargas e a repressão fazia parte daquele contexto. Mulheres foram silenciadas, torturadas tanto fisicamente como psicologicamente, seus corpos foram alvos de atrocidades imensuráveis como estupros, mutilações, atingidas pelas armas e diversas outras formas de brutalidade. São brasileiras que uniram-se para combateram destemidamente as inúmeras formas de opressões. E que sua visibilidade nos encorajam a resistir e lutar por igualdade e equidade.

### 1.3. BREVE SÍNTESE SOBRE MULHERES QUE DETÊM CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS PRESENTE EM OBRA LITERARIA

Os conhecimentos sobre plantas medicinais remonta desde a antiguidade. Assim, historiadores e também literatos propõe-se a analisar minuciosamente a trajetória que as ervas estabelecem no cuidado da saúde e a relevância que as mesmas representam na comunidade em que se usa. Partindo desse pressuposto, a obra *Chove nos Campos de Cachoeira* de Dalcídio Jurandir, o escritor paraense faz uma análise das representações do papel feminino na Amazônia. Um romance escrito nos anos de (1929-1939), retrata a vida cotidiana das mulheres e como desempenhavam funções no vilarejo de Cachoeira local onde acontece o enredo.

Silva, na monografia “Mulheres de Dalcídio e questões de gênero na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*” (2016), faz uma análise pertinente a respeito da figura feminina na obra de Dalcídio fazendo contextualizações da realidade vivenciada de mulheres e elencando ricas contribuições a respeito de mulheres que detêm conhecimentos ancestrais de cura.

Verifica-se assim os diferentes papéis sociais que as mulheres exercem na região amazônica. Um exemplo disso aparece na própria literatura da região, como é caso do literato Dalcídio Jurandir que faz referências a respeito da curandeira do Vilarejo de Cachoeira, conforme analisa muito bem Silva, (2016):

Uma mulher já idosa que detinha conhecimentos sobre ervas medicinais ou popularmente “remédios caseiros”, foi convidada por D. Amélia para cuidar de Eutanázio que estava com sífilis, doença sem tratamento e tida como epidemia naquela época, também vista como uma punição pelo sexo fora do casamento. D. Gemi era conhecida em Cachoeira por sua prática medicinal e como mulher capaz de curar diversas doenças. Porém o caso de Eutanázio é singular posto que ele resiste a qualquer ajuda que ela lhe venha oferecer (SILVA, 2016, p.34).

A partir de tal análise, pode-se notar a singularidade de D. Gemi, uma senhora que têm conhecimento da utilização das ervas medicinais, e que pratica há muito tempo, exercendo um papel importante na sua comunidade. Dessa forma, os habitantes de Cachoeira depositam sua confiança nos cuidados de D. Gemi, tornando-se para o seu

vilarejo uma guardiã de saberes curativos com ervas medicinais. No entanto, há o caso de Eutanázio, um jovem que se recusa a aceitar os cuidados de D. Gemi, por não dar a devida credibilidade aos recursos naturais, ao remédios curativos, acreditando que somente remédios alopáticos é capaz de curar sua doença:

Vemos a importância adquirida pela personagem, de um lado pelo seu conhecimento das tradições medicinais das ervas e plantas, por outro devido à precariedade do atendimento à saúde da comunidade naquela época e, que também se estende aos dias atuais. E nessa prática baseadas nos saberes tradicionais com ervas há possibilidade de curar diversas enfermidades que afetam os moradores do vilarejo. Na cidade de Cachoeira, lugar sem maiores atendimentos médico, Dona Gemi era vista como a mulher que cuidava da saúde dos moradores nos momentos de enfermidade. Nessa prática demonstra uma preocupação com o bem-estar físico e emocional do paciente que estava sob seus cuidados (SILVA, 2016, p.34,35).

É interessante destacar a importância de uma pessoa que desenvolve tais conhecimentos ancestrais de cura, por meio das ervas e plantas em sua comunidade. Pois, como Dona Gemi retratada no romance de Dalcídio Jurandir, existem diversas mulheres no contexto atual que exercem esse papel tão relevante na sociedade, estabelecendo uma dupla função em relação a utilização das plantas medicinais. Primeiro, essas mulheres valorizam os conhecimentos adquiridos sobre as tradições medicinais por meio da oralidade, que se perpetuam de geração a geração. E segundo, elas são cuidadora da saúde da sua comunidade, haja vista que em determinadas regiões ribeirinhas o serviço de saúde ocorre de forma precária, assim há uma relação de dependências da população com essas mulheres detentoras de conhecimentos sobre as plantas medicinais, na qual elas desenvolve remédios caseiros, chás e outros tipos de remédios.

Assim, de acordo com Pinto (2012), essas relações ligadas aos saberes tradicionais persistem na região amazônica e estabelecem ricas contribuições, pois é a medicina informal que é predominante, e que inúmeras mulheres, com seu papel na comunidade que prevalece os conhecimentos tradicionais (PINTO, 2012). Para Pinto,

Essas mulheres, juntamente com outras pessoas idosas, reconstroem, por meio da memória oral, as próprias histórias de vida, de suas bisavós, avós, mães e origem de seus povoados na região do Tocantins. De certa forma na rememoração dessas lembranças e relembrações, elas se reinventaram, assim como reinventam os espaços sociais em que estão inseridas. Modos de trabalhar, se divertir e festejar seus santos padroeiros são intercruzados. Herdeiras de uma tradição cultural que vem de longe, seus saberes, poderes e experiências se alternam e dialogam entre si. Suas práticas de partejar, benzer e curar, ao serem transmitido por intermédio da oralidade, vão sendo

desenvolvidas, ressignificadas, reinventadas e renovadas (PINTO, 2012, p. 7).

Para Pinto, essas relações de cura com plantas medicinais e outros saberes de origem tradicionais, ocorre predominantemente por mulheres que vão repassando por meio da memória oral. Assim, as histórias, as lembranças vividas adquirirão um espaço social, na medida que as vivências vão, de certa forma se ressignificando, tornando modelos para o tempo presente. Contudo, a fé e as diversas formas de tradições culturais se entrecruzam e dão sentido a essas representações relevantes, dando sentido positivo para os povos na região do Tocantins (PINTO, 2012).

Em suma, as mulheres que desenvolvem práticas de cura por meio das plantas medicinais presente na obra de Dalcídio Jurandir, dão ricas contribuições a respeito das tradições culturais que abrange na Amazônia. Mesmo não se tratando de uma pesquisa historiográfica, de fatos históricos, e sim de um romance, uma recriação de uma dada época. Porém nos ajudam a compreender e relacionar com o contexto a que estamos inseridos, analisando as diferentes formas ações que foram culturalmente repassados. Assim, também relacionando com as perspectivas de Pinto (2012), em que traz ricas abordagens sobre o contexto histórico e cultural da região amazônica. Evidenciando as múltiplas relações de práticas culturais existente em nossa historicidade (PINTO, 2012).

## **CAPÍTULO II**

### **IDENTIDADES CULTURAIS (RE) CONSTITUÍDAS NOS SABERES E FAZERES COTIDIANAMENTE CONSTITUÍDOS NA ILHA TENTÉM**

#### **2.1. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA ILHA TENTÉM**

O município de Cametá é rico em biodiversidade, possui sua exuberância natural e sua beleza é notória através de um olhar panorâmico. Assim, de acordo com Oliveira, Brandão, Pena (2014):

“Cametá é caracterizada geograficamente por ilhas e áreas de terra firme, demarcando uma área de aproximadamente 2.487 km<sup>2</sup>, com sua formação territorial composta por 20,3% de rios e baías, 36,4% de campos naturais, 26,2% de áreas de várzeas e ilhas sendo formada por 17,1% de terra firme” (OLIVEIRA, BRANDÃO, PENA, Introdução, 2014).

O autor faz uma análise da formação territorial de Cametá e observa-se que 26,2% é composta de várzeas e ilhas, ou seja, há uma imensidão de Ilhas com suas semelhanças e peculiaridades, afirmando que “na constituição geográfica de Cametá, totalizam quase 100 as ilhas que constituem este território, dispostas ao longo do Rio Tocantins e seus afluentes” (OLIVEIRA, BRANDÃO, PENA, 2014).

De acordo com a coordenadora da pastoral da criança Maria do Carmo Maciel, com base no levantamento realizado em novembro de 2019, a estimativa da população da comunidade ribeirinha Ilha Tentém é aproximadamente 402 famílias. A referida localidade situa-se nas margens do rio Tocantins, no município de Cametá no estado do Pará, pertencente ao distrito de Juaba. O percurso para se chegar nessa comunidade é por via aquática, cuja durabilidade dependendo da velocidade do transporte aquático varia de 40 minutos à 1 hora de viagem, sendo que o trajeto para se chegar nesta ilha ocorre de duas formas: Cametá e também Juaba.

Assim, de acordo com Corrêa:

“O meio de transporte utilizado para se chegar a cidade são os barcos de pequeno denominados localmente de “rabetas”, esses barcos possuem pequena capacidade de peso em média 500kg a 1000kg, são mais próprios para corrida, em caso de urgência de chegar ao seu destino, os motores mais usados são o NS (90/B11/B18), que possuem maiores velocidades. Esse tipo de barco é encontrado hoje em todo o território cametaense devido á praticidade e o baixo custo em relação a barcos de maiores portes. Contudo afirma-se que existe uma relação de dependência dessas comunidades em relação ao rio.” (CORRÊA, 2010, p. 65).

Durante a realização da pesquisa na comunidade ribeirinha Ilha Tentém podemos observar como se dá o dia a dia dos habitantes da zona ribeirinha. Dos quais maioria acorda cedo para ir para o rio apanhar os peixes que estão na malhadeira<sup>1</sup> e também mariscos como camarões que estão no matapi.<sup>2</sup> Com isso, a base econômica dos ribeirinhos advém da venda de açaí, peixes e camarões na feira municipal de Cametá e também de alguns auxílios do governo federal, como bolsa família.

Assim, de modo geral a estrutura econômicas das comunidades ribeirinhas segundo Oliveira, Brandão e Pena (2014):

“...é destacada por sua grande produção pesqueira (SEPAq,2010) e a população dessas regiões encontram na pesca uma das principais atividades da economia familiar. Esta atividade mesmo de pequeno porte se caracterizar por ser uma atividade sazonal e com apetrechos simples, baseada em técnicas artesanais a produção é em pequena escala (FURTADO, 1990). Na região de influência estuarina e de várzea, quando ocorre a sazonalidade dos produtos, acontece a polivalência de atividades, onde a extração de pescado, açaí e de camarão se complementam tanto para a dieta alimentar da população quanto para a economia familiar” (Oliveira, Brandão, Pena, introdução, 2014).

Contudo, observa-se que o modo de vida da população ribeirinha ocorre de forma simples baseado na economia de subsistência, caracterizada por atividades pesqueiras. E durante a realização da pesquisa foi observado as criações de determinados ribeirinhos da Ilha Tentém, em que criam diversos tipos de animais para complementar na sua alimentação, como por exemplos galinhas, patos, porcos, indubitavelmente relevante para sua base alimentar.

---

<sup>1</sup>Rede de pesca, principal objeto empregado na pesca pelos ribeirinhos da região Amazônica.

<sup>2</sup>Apetrecho utilizado para a pesca do camarão, feito de talas de algum tipo de palmeira, as quais são amarradas em cordas e colocadas nas beiras de rios e igarapés

Outra característica a ser ressaltada, de um modo geral dos povos ribeirinhos, é as relações culturais existentes nos seus espaços de vivências e sociabilidade. Assim de acordo com Pereira (2014):

“Nas comunidades ribeirinhas da Amazônia encontramos alguns *traços*, de diferentes matrizes culturais e durações históricas, *comuns* na organização de seus espaços, além do fato de se localizarem às margens dos rios. Esses traços comuns indicam as marcas do passado inscritas na configuração das paisagens. Outras marcas históricas de sua formação territorial encontram-se inscritas nos corpos, na linguagem, na toponímia, nas narrativas populares, nas práticas, nas relações, nos hábitos e costumes das populações ribeirinhas, ou seja, nas diversas formas de sociabilidades, usos e significados dos lugares” (PEREIRA, 2014, p. 39)

Com essa perspectiva, as comunidades ribeirinhas carregam consigo sua historicidade, sua cultura está enraizada através de seus hábitos, costumes e também no seu modo peculiar de falar, pois o fato de habitarem às margens dos rios demonstrando um contato direto com a natureza, expressando sua essência e o cuidado com o meio natural (PEREIRA, 2014)

Contudo, de acordo com Corrêa sobre o cotidiano das comunidades ribeirinhas e sua ligação com o meio natural em que:

“Essas comunidades com seu modo de vida ribeirinho possuem uma peculiaridade, que é o seu contato direto com rio, mantendo relações vitais. Toda a organização sócio-espacial gira em torno dele, inclusive no que concerne aos seus afazeres diários é influenciado pelo rio, exercendo influência direta no seu modo de vida. O rio juntamente com outros fatores naturais como a lua, as estações do ano fazem parte dos saberes utilizados pelos ribeirinhos para a sua vivência cotidiana. Os mitos e lendas também estão permeados de referência ao rio. Sendo dessa forma também um elemento simbólico” (CORRÊA, 2010, p. 58)

Entretanto, Corrêa nos possibilita fazer uma pertinente análise a respeito do viver ribeirinho, sua relação intrínseca com a natureza, caracterizando as formas peculiares de compreender a subjetividade que gira em torno dos afazeres diários e que transcende sua influência nos elementos naturais, caracterizando dessa forma, a simbologia da ligação do rio e conseqüentemente do ser ribeirinho, sua essência. Com isso, todas essas características e concepções associa-se à ilha Tentém, pois, os habitantes da região possuem uma relação harmoniosa com o rio.

Ao analisar a vivência de tais moradores da referida localidade, tornou-se notório as relações que há entre o meio natural. Em que primeiramente, a sua locomoção

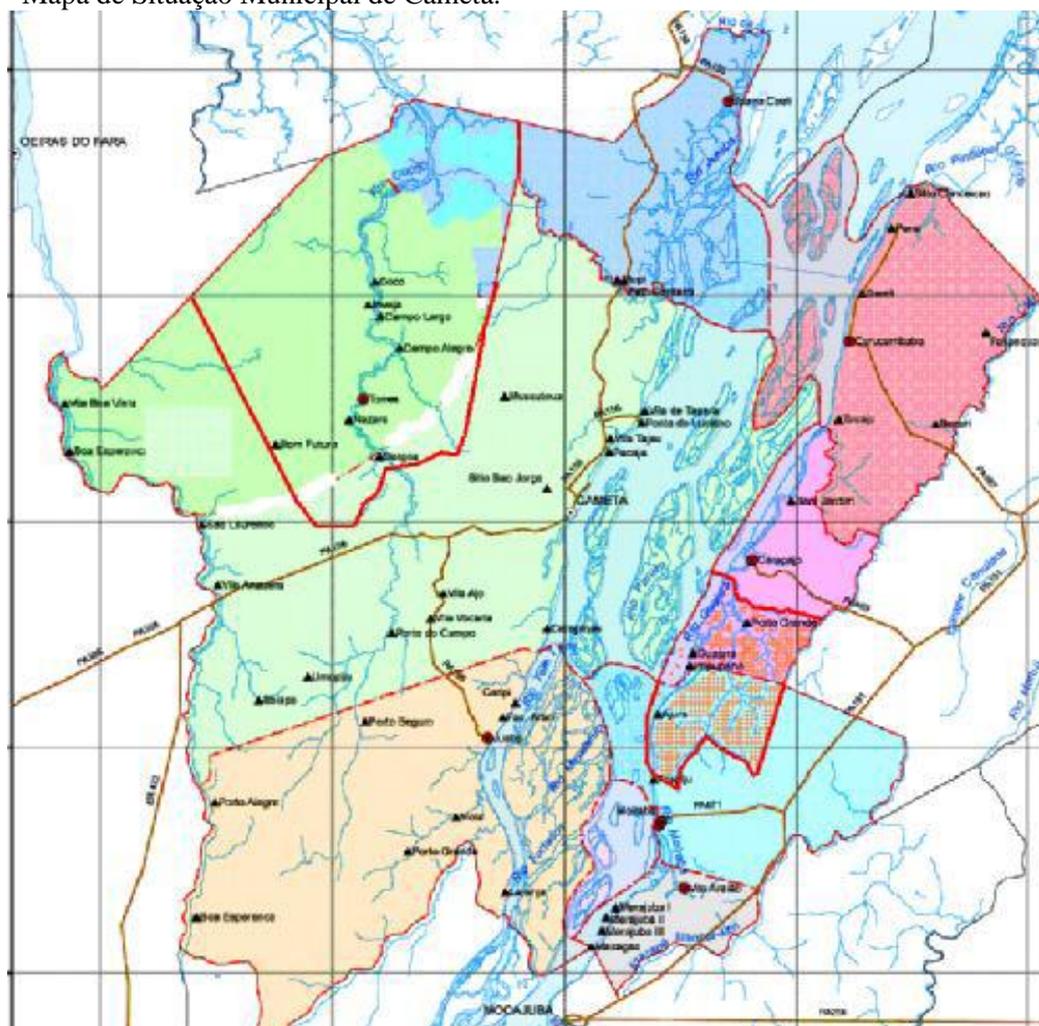
é pelo rio com barcos grandes e também pequenos denominados de rabetas, outra característica notada é que determinados habitantes em sua maioria homens ao entardecer locomovem-se com suas rabetas ou canoas até igarapés, atravessando furos e rios para depositar suas malhadeiras e matapis, e no dia seguinte ao amanhecer voltam ao local para pegar os peixes e camarões para a sua alimentação e para a venda dos alimentos na feira de Cametá. Também é no rio que as crianças e adolescentes divertem-se, pois quando a maré está cheia, torna um momento de lazer e diversão. Outro aspecto marcante da referida Ilha diz respeito ao convívio que ocorre entre os habitantes, que por sua vez, durante a tarde as famílias reúnem-se nas varandas de suas residências para conversar, pois é um momento propício com a tranquilidade que a natureza fornece aos ribeirinhos.

Pouco se tem conhecimento sobre a origem da fundação da Ilha Tentém, pois as informações relacionadas aos aspectos históricos desta localidade passa despercebidos pelas moradoras e moradores mais antigos da comunidade, eles não conseguem afirmar com convicção o surgimento da tal Ilha. Sabe-se que sempre foi composta por pessoas simples, e não há nenhuma informação acerca do início do seu povoamento. Após diversas entrevistas, surge uma possível explicação para o nome da referida localidade, em que a versão apresentada por Maria Edilenilda Garcia Medeiros, que está relacionada a analogia de uma ave, em que havia antigamente muitos pássaros denominado por nome de Tentém, portanto, a origem vem de um pássaro que era comum na Ilha.

A partir disso, podemos evidenciar como ocorre o processo histórico originário na comunidade ribeirinha Ilha Tentém, que por sua vez, no rememorar das mulheres entrevistadas relatando o surgimento da tal localidade, fica evidente que a origem do nome relaciona-se a natureza, pois a ave que havia no local associa-se ao elemento natural com suas peculiaridades e também ao modo simples do viver ribeirinho existente no local.

São vários santos que fazem parte da crença e da fé dos ribeirinhos da Ilha Tentém como São Pedro, São Benedito, Nossa Senhora de Nazaré, Santa Maria e Nossa Senhora das Graças. Os devotos participam ativamente de festejos, rezas, homenagens e comemorações de seus santos, caracterizando uma história de fé e de reverências.

Mapa de Situação Municipal de Cametá.



Fonte: SILVA, Amarílis Maria Farias da. Saberes cotidianos e azeite de andiroba..., 2009, p. 32

#### LEGENDA

- Limites municipais
- Limites dos Distritos
- Sede Municipal
- ▲ Localidade
- Sede dos Distritos
- Rodovias
- Hidrografia
- Distrito Administrativo**
- Distrito de Areião
- Distrito de Cametá
- Distrito de Carapajó
- Distrito de Curuçambaba
- Distrito de Januacoeli
- Distrito de Juaba
- Distrito de Moiraba
- Distrito de Torres de Cupijó
- Distrito de Vila do Camo
- Distrito de Porto Grande

Mapa das comunidades do município de Cameté. Colônia dos Pescadores Z-16 de Cameté. Acordos de Pesca – uma alternativa econômica e organizacional. Revista II, Série Sistematização, Janeiro de 2006.



Fonte: SILVA, Amarílis Maria Farias da. **Saberes cotidianos e azeite de andiroba...**, 2009, p. 41

### 2.1.1. CARACTERÍSTICAS CULTURAIS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO E PARTILHAS DE SABERES SOCIAIS DAS MULHERES NA ILHA TENTÉM

Compreende-se que as formas de vivências destinadas as comunidades ribeirinhas são sumariamente relevantes e cruciais para entendermos todo o processo histórico e cultural desse povo. Em virtude disso, Milene Lôbo evidencia a seguinte questão sobre o conceito de cultura internalizada nas ações humanas:

“Em virtude dessas interpretações compreende-se cultura como a forma pela qual os indivíduos ou as sociedades agem a partir de suas necessidades. Todavia, cada cultura tem suas especificidades e com o tempo acabam interagindo com outras culturas, ou seja, tornam-se dinâmicas, os costumes se modificam, outros permanecem. Devido esse movimento cultural, ao longo de sua existência os seres humanos foram construindo seus significados, suas tradições na maneira que eram visíveis em seu modo de viver e pensar. Contudo, pode-se afirmar que a cultura é o resultado produzido na ação humana ao longo da história da humanidade.” (LÔBO, 2014, p. 31)

Depois dessa interpretação relevante sobre cultura e suas transformações e permanências ao longo do tempo nas sociedades humanas, resta-nos evidenciar que a cultura de um povo, especificamente na comunidade ribeirinha da ilha do Tentém sofre modificações e /ou transformações, há a permanência refletida nos hábitos, costumes e práticas diárias, resistindo para que haja o reconhecimento da relevância de suas práticas culturais.

“As práticas e saberes destas mulheres vão se consolidando ao longo dos anos no meio de uma clientela que confia no poder de suas palavras, de suas ervas, de suas orações e de suas mãos; daí porque são historicamente pela medicina oficial como “curiosas”, “práticas”, “comadres”, “leigas”. Por outro lado, através dos dons que dizem possuir, tornam-se confiáveis, dignas de curas e “milagres” no meio em que atuam” (PINTO, 2010, p. 106).

Analisar o papel social de determinadas mulheres na Ilha Tentém é de suma relevância, pois compreendendo sua função podemos indubitavelmente perceber a importância de seu trabalho as quais desenvolve em sua comunidade e presenciar o quão prazeroso é em poder ajudar as pessoas que nelas habitam. Além disso, nota-se a

perpetuação dos conhecimentos adquiridos sobre as ervas e plantas medicinais (PINTO, 2010)

Entretanto, pretendo neste tópico abordar as relações de trabalho com ervas medicinais de algumas mulheres da comunidade em estudo, elencando suas ricas contribuições e também como ocorre a relação de compartilhamento desses saberes tradicionais. Assim, conforme Sherlyane PINTO sobre o sentido da utilização das ervas e plantas medicinais:

“O trato e a utilização das plantas medicinais são saberes adquiridos no fazer cotidiano, cuja utilização ocorre na prática do dia a dia, na prevenção e no tratamento das enfermidades, estes ensinamentos são repassados de geração em geração, como afirma Oliveira (2008), através das vivências, relações parenterais e midiáticas, traduzidos nas suas expressões concretas da vida diária “(...) que expressam dimensões educacionais religiosas, medicinais, produtivas, culturais” (Sherlyane PINTO, 2018, p. 91)

No entanto, discorrendo sobre a concepção de Sherlyane Pinto elencando sobre os saberes que há cotidianamente nos fazeres que percorrem na utilização das plantas medicinais, torna-se evidente que esses saberes vão se consolidando no percurso do tempo, haja vista, que essas mulheres tornam-se guardiãs dos conhecimentos acerca do saber fazer remédios caseiros, em que há um predomínio de confiança, afeto e respeito para com suas clientes ocasionado uma aceitação e segurança na utilização dos remédios naturais.

A entrevistada Luzia do Socorro Batista, de quarenta e oito anos, comenta sobre como começou a trabalhar com ervas e plantas medicinais e como passou a desenvolver esse processo:

Olha eu comecei a fazer assim quando os meninos meu começaram.. aí sempre a mamãe ensinava né, ensinava e eu fazia. Aí quando esse menino meu o último ele tava com sete meses parece, aí eu fui pro seminário, por que eu entrei na Pastoral da criança né, a gente passamos três dias no seminário aprendendo a fazer remédio caseiro, tinha a finada D. Emita, tinha várias mulheres, parteiras. Aí eu aprendi muito, aprendi a fazer xarope pra tosse” (Luzia do Socorro Pinto Batista, conhecedora de Ervas, Entrevista Realizada em, 08/06/2019).

Observa-se a partir das falas dos(as) sujeitos(as) que manipulam as ervas medicinais, que aprenderam com as pessoas mais velhas e foram aperfeiçoar esse conhecimento adquirido, conforme se verifica na nesta fala de dona Luzia Batista,

pertencente a Pastoral da criança em sua Comunidade, e participante de vários seminários, que são ofertados cursos de manipulação de remédios caseiros. Assim, a partir dos conhecimentos adquiridos com sua mãe e aperfeiçoado com a prática vai ajudando e auxiliando as pessoas que necessitam de tratamento.

Dessa maneira, quanto ao conhecimento e a utilização das ervas e plantas medicinais, Pinto (2010), evidencia que:

“Mas é importante que, essas práticas, desempenhadas por terapeutas tradicionais, não podem ser vistas só como resultantes do isolamento geográfico e da ausência de médicos, pois além dela fazer parte de uma tradição cultural profundamente enraizada no cotidiano das camadas populares, é também uma forma de reação popular à prática tecnicista e autoritária da medicina moderna, manifestada na relação médico-paciente e na imposição de valores implicados nessa relação” (PINTO, 2010, p. 170-171).

Mediante as análises de Pinto, ressalta-se a importância de compreender todo o processo histórico relacionado ao uso milenarmente das plantas medicinais, pois não cabe estigmatizar as práticas de curas com ervas, tratando-a como um mero recurso farmacológico devido à ausência de recursos básicos de saúde, ou pelo fato de residir em territórios longínquos de unidade de saúde. Desse modo, esta prática está intrinsecamente ligada ao dia a dia dos sujeitos que detém esse conhecimento, pois assumem papéis de “poder”, em que os seus “pacientes” depositam total confiança e afirmam categoricamente que preferem utilizá-los esses recursos curativos em vez dos recursos farmacológicos da medicina moderna (PINTO, 2010).

É interessante destacar que grande parte dos problemas de saúde comuns são resolvidos com praticidade, uma vez que os ribeirinhos procuram as mulheres conhecedoras de remédios caseiros para lhes auxiliarem e indicar qual tipo de chá, xarope, entre outros (PINTO, 2010). Assim, a entrevistada mencionou alguns tipos de remédios que sabe fazer:

“Eu fiz pra tosse, a gente pega o casca do jatobá, pariri, a caatinga, a vergamota, hortelã e o estoraque, aí pega o cupim da mata, não é da beira do caminho e de dentro da mata, aí pega aquela casa e ferve ela com todas as plantas né, depois de fervido tira aquele caldo, aí vai ferver, a gente vai fervendo ele vai engrossando né, depois que apura ele, a gente coloca o mel de abelha, aí guarda no vidro aí dava três vezes no dia. E é muito bom? Muito bom pra tosse, pra canseira. O outro é o remédio pa verme né, aí tá até porque meus menino (...) aí ele sofria de asma né, dava muito nele, aí eu ia pa comunidade aí veio até a senhora já até faleceu, ela veio e me ensinou, ela me ensinava \_ olha minha filha é assim que a gente faz, aí eu pegava tá. Como ela me ensinava eu sou curiosa, tudo que me ensina eu quero fazer, aí tá eu peguei pa asma, ela me ensinou a

caatinga de mulata, a vergamota e o hortelã aí ferve ele aí depois de tá fervido aí deixa esfriar aí coloca três pingo de banha de jiboia e dar. Isso eu dava pro meu menino, ele ficou bom (...) nunca mais deu. Eu não dei também remédio [da farmácia]” (Luzia do Socorro Pinto Batista, entrevista 08/06/2019).

Percebe-se no relato da entrevistada as relações de troca de conhecimento sobre o fazer remédios caseiros. Cabe ressaltar que não há médicos disponíveis e nem postos de saúde para ter atendimento nos casos de emergência, com isso prevalece esses e outros remédios relatado pela D. Luzia Batista, na qual mães e famílias possuem esse único mecanismo de cuidado com o corpo.

Assim, de acordo com Milene Lôbo:

“As plantas, ervas, sementes, cipós medicinais da floresta amazônica estão vinculados a qualidade de vida dos indivíduos que se encontram afastados das zonas urbanas. Através da sabedoria popular esses recursos vegetais sempre fizeram parte do cotidiano dos moradores da floresta, tanto das áreas rurais como urbanas. Desta forma, há uma inteiração, destas com saberes dos povos que se fazem presente na história da região, no quais os agentes que produzem as práticas de curas são conhecidos como os guardiões dos segredos das matas” (LÔBO, 2014, p. 44).

*Imagem 02- dona Luzia Batista no seu jirau com plantas comestíveis e medicinais, localizado na sua residência.*



*FONTE: Erleney Garcia, 2019*

*Imagem 03 - jirau de dona Luzia Batista.*



*FONTE: Erleney Balieiro, 2019.*

*Imagem 04 – jirau com plantas comestíveis e medicinais, localizado na residência de dona Luzia Batista, onde se observa os seguintes tipos de plantas: cebolinha, babosa, vergamota, hortelã, pariri, caatinga de mulata, mastruz, mocricida e entre outros.*



*FONTE: Erleney Garcia, 2019*

Nota-se nos relatos das mulheres entrevistadas que houve um aperfeiçoamento nas práticas curativas com remédios caseiros, uma vez que, as mesmas desenvolvem trabalhos relevantes na igreja católica de sua comunidade. Trabalham na Pastoral da criança e desenvolvem diversas funções, como relata a D. Maria do Carmo Maciel,

“sou coordenadora da Pastoral da Criança e então a gente desenvolve nesta Pastoral várias atividades, no caso remédios caseiros, eu trabalho da multi -

mistura, enfim uma série de coisas” (Maria do Carmo Maciel, conhecedora de plantas medicinais, entrevista realizada em 07/06/2019).

Em entrevista com essa conhecedora de ervas medicinais, esta relatou que primordialmente não aprendeu com sua mãe ou avó, pois não há um histórico de sua família que detém conhecimento, no entanto, a mesma exercia um saber superficial e que ao pertencer nas atividades da Pastoral da Criança, adquiriu um aprendizado mais intensificado, assim relata que:

“Esse aprendizado eu aprendi na Pastoral da Criança que ela fornece esses cursos tanto de multi mistura, como remédios caseiros, alimentação como fazer como não e foi aí que eu aprendi ano passado nessa oficina em janeiro e a partir de fevereiro comecei a desenvolver com as mães no caso da Pastoral da Criança, nunca vendi também por enquanto, eu só faço pra suprir essa necessidade das mães que são carentes” (Maria do Carmo Maciel, entrevista realizada em 07/06/2019).

E acrescenta o seguinte:

“O que me motivou foi a vontade de ajudar os outros, eu tenho muita vontade de poder ajudar assim, então eu trabalho com a Pastoral da Criança, trabalhar com criança de 0 a 6 anos. E eu aprendi pra ajudar inclusive eu tenho várias plantas que eu comecei a plantar por causa das crianças” (Maria do Carmo Maciel, entrevista realizada em 07/06/2019).

Partindo desse pressuposto, as característica que a comunidade possui está associado diretamente ao modo simples de viver, ou seja, a maioria das mães tem mais de dois filhos, e não exercem nenhuma profissão, são domesticas que recebem auxílios do governo federal. Partindo da necessidade de ajudar que Maria do Carmo Maciel desenvolve atividades curativas, fazendo remédios e ensinando as mães a fazerem seus próprios remédios em sua residência, prática essa comum pelas mulheres na comunidade ribeirinha.

Em virtude disso, com base no relato de dona Maria do Carmo Maciel descrito a cima sobre a sua motivação ao trabalhar com ervas e plantas medicinais, podemos perceber que há uma interação afetiva e laços de solidariedade, na disponibilidade em ajudar os habitantes da Comunidade. Assim, de acordo com Sherlyane Pinto:

(...) percebe-se que a medicina popular é fomentada pelos signos da interação humana, e sua ligação é reflexo de laços afetivos, pressupostos pela ajuda e solidariedade, ela é mais voltada para o povo, praticada livremente por sujeitos que geralmente não tiveram nenhuma instrução, mas que a

receberam pela escola da vida, aprendida através do método tentativa e erro, desenvolvida e transmitida ao longo de várias gerações, sendo portanto considerada como um meio de cura para aqueles que as segue” (PINTO, Sherlyane, 2016, p. 74).

A partir das análises de Sherlyane PINTO, a medicina popular é essencialmente direcionada para o povo, para suprir-lhes suas necessidades cotidianamente, havendo a cura do corpo e adquirindo uma ligação afetiva, diferentemente da medicina formal, em que a relação que ocorre é somente médico / paciente. Haja vista que, na medicina erudita ocorre a delimitação de cada área a ser trabalhada, pois cada médico é especializado em cada parte do corpo humano e assim torna-se difícil a compreensão total do ser humano (PINTO, Sherlyane, 2016).

Contudo, sobre esse questionamento a autora utiliza-se das argumentações de OLIVEIRA (1985) para firmar que:

“(…) refletidos pela ótica cartesiana, os atendimentos e procedimentos médicos mostram que os indivíduos tendem a serem vistos como objeto ou máquinas, não levando em consideração a visão holística, no qual o homem está misturado ao cosmo, à natureza, à comunidade, dando invisibilidade a cultura, aos costumes e ao contexto social. O homem adoentado passou a ser conhecido como “paciente”, ou seja, aquele que está à espera de um atendimento na busca de uma solução clínica frente a uma patologia presente em seu corpo. Além da quebra holística humana, a maioria dos profissionais de saúde utiliza uma linguagem muito técnica, provocando um certo distanciamento entre médico e paciente, principalmente no momento da explicação e receituação de medicamentos (OLIVEIRA, 1985 apud, PINTO, Sherlyane, 2016, p. 75).

Segundo tais argumentações Sherlyane PINTO reflete a respeito da visão tecnicista da medicina formal e assim, pode-se analisar e contextualizar a comunidade ribeirinha em estudo para verificarmos as diferenciações no tratamento relacionado a saúde. Dessa forma, as mulheres conhecedoras de remédios caseiros que foram entrevistadas relataram a sua disponibilidade e em atender as pessoas de forma que sintam-se a vontade. Por exemplo a dona Maria do Carmo Maciel que desenvolve ações de solidariedade, pois sendo coordenadora na Pastoral da Criança menciona,

“Eu trabalho com crianças, ali eu me sinto como se eles fosse meus filhos...Mas a gente vai fazendo os remédios, vai cuidando da nutrição, da alimentação, reeducando até nós adultos as vezes não soubemos se alimentar direito, tudo isso nós estamos fazendo” (Maria do Carmo Maciel, entrevista 07/06/2019).

Em relação a tais questões a autora Pinto(2010) evidencia que:

“As práticas e saberes destas mulheres vão se consolidando ao longo dos anos no meio de uma clientela que confia no poder de suas palavras, de suas ervas, de suas orações e de suas mãos; daí porque são historicamente pela medicina oficial como “curiosas”, “práticas”, “comadres”, “leigas”. Por outro lado, através dos dons que dizem possuir, tornam-se confiáveis, dignas de curas e “milagres” no meio em que atuam.” (PINTO, 2010, p. 106)

Neste sentido, conforme afirma Pinto (2010), as práticas de curas traz consigo diversas relações de aproximação e afetividade, pois são mulheres desempenham funções relevante na comunidade em que pertencem.

*Imagem 05 – Maria do Carmo Maciel, conhecedora de plantas medicinais.*



*FONTE: Erleny Balieiro, 2019*

*Imagem 06 e 07 – Plantas medicinais: anador e acrozen respectivamente, localizado na ponte de Maria do Carmo.*



*FONTE: Erleny, 2019.*

Dona Elgina Maciel, de cinquenta e um anos, conta que aprendeu a fazer remédios caseiros com sua mãe e também com sua avó, e que aperfeiçoou esses seus saberes de trata e manipulação de plantas medicinais na Pastoral da criança quando era coordenadora. E durante dez anos desenvolveu trabalhos significativos, e atualmente faz remédios caseiros, ajuda as mães para cuidar da nutrição e da saúde das crianças. A entrevistada relatou que

“Quando não tinha a Pastoral da criança aqui na Ilha Tentém a taxa de imortalidade de crianças era alta. Morria muita criança, e depois com a Pastoral da criança diminuiu muito a morte das crianças, porque o objetivo é valorizar o remédio caseiro e ajudar as mães, então veio pra suprir a necessidade da comunidade. E quem fundou a Pastoral da Criança foi a D. Ermita que já é falecida, ela ajudou muito a gente, então nós aprendemo muita coisa com ela” (Elgina Medeiros Maciel, Entrevista realizada em 19/012/2019).

Assim, a Pastoral da criança ganhou uma proporção maior e adquiriu grande relevância na comunidade Ilha Tetém, pois com a sua fundação, houve uma diminuição drástica no índice de imortalidade de crianças e, ainda segundo a entrevistada, na Pastoral da criança:

“Nós fomos orientado assim: vocês tem que orientar as pessoas, fazer suas hortas caseiras, que é pra vocês terem o remédio caseiro pra quando as pessoas virem na casa de vocês, vocês já saberem mais ou menos quais são os remédios que são cientes pra curar as pessoas. Aí a gente ia nos encontrar, eles iam ensinar a gente a fazer o remédio caseiro né, cada planta era pro tipo de doença” (Elgina Medeiros Maciel, entrevista realizada em 18/12/2019).

Vemos portanto, que determinadas mulheres que manipulam as ervas medicinais aprenderam primeiramente com os mais velhos, conhecimento adquirido pelas suas avós, mães e, ao longo do tempo a aperfeiçoaram, pois a maioria dos problemas comuns são resolvidos de forma simples por essas mulheres remediadas em suas próprias residências (PINTO, 2010). A entrevistada mencionou ainda que sabe fazer determinados remédios caseiros e alguns benefícios de plantas medicinais:

“O mastruço é aquele que é bom pra estomago, é bom pra tosse, é bom pra verme. Faz o suco do mastruço que ele cura verme, ele cura a infecção, cura o pulmão é bom pro pulmão, a gente faz com leite moça, bate no liquidificador né e tira aquele suco coloca o leite moça e toma que é pra fortalecer peito (...) a ortiga também é cicatrizante, é bom pra hemorragia, cura infecção do estomago, a vergamota ela é pra tosse (...) tem a unha do gato, a unha do gato é um cipó que a gente nem pensa que é um remédio, mas é muito bom pra infecção urinária, pra ferida no colo do útero (...) que faz a garrafada, são plantas muito bom rico em cura” (Elgina Medeiros Maciel, entrevista realizada em 18/12/2019).

Contudo, fica compreendido que as mulheres são carregadas de símbolos e laços afetivos direcionados à solidariedade. As características que discorrem na Comunidade Ilha Tetém é caracterizado, conforme analisa Sherlyane PINTO, por práticas tradicionalmente adquiridas com significados através da oralidade e também de saberes adquiridos pelos povos antigos da Amazônia. (Sherlyane PINTO, 2016).

Durante a pesquisa foi observado que as mulheres entrevistadas trabalham voluntariamente em sua comunidade. Notamos no relato de Elgina Maciel, que as características sobre a utilização das plantas destinadas para cuidados terapêuticos e também no fazer remédios caseiros ocorrem sumariamente na potencialidade de valorizar e suprir as necessidades básicas de saúde:

“a gente trabalhou de graça pro governo, nunca cobremo nada, até hoje nos trabalha assim é voluntário” (Elgina Medeiros Maciel, Entrevista realizada em 18/12/2019).

Interligados à costumes culturalmente amazônicos essas “guardiãs dos saberes”, expressam sua vivencia e sua forma peculiar de sentir o mundo, isto é, de acordo com suas tradições culturais e o meio pelo qual estão inseridos. Estas por sua vez, manipulam as plantas que serão usados como remédios, para curar os males que atingem a sua gente, tornando-as representantes ativas na sua comunidade (LÔBO, 2013). Pereira (2014) afirma-se que “(...) as relações sociais que definem a comunidade na Amazônia são bastante diversas e complexas, envolvendo: relações comerciais e de vizinhança, reciprocidade, generosidade e solidariedade, parentesco, amizade, compadrio” (PEREIRA, 2014, p. 136). Essas características representam fielmente a Comunidade ribeirinha Ilha Tetém, em que as mulheres entrevistadas através de seus relatos podemos compreender o meio social em vivem e conseqüentemente suas virtudes em desenvolver práticas de curas com remédios caseiros.

Vale ressaltar também, como esses saberes foram compartilhados ao longo do tempo através das pessoas mais velhas. Assim a entrevistada relata:

“Cada planta que eles (mãe e avó) plantavam, eles já sabia pra que era bom aquela planta. Eu aprendi muito com minha avó, com minha mãe, porque a gente via eles plantarem né, que quando a gente adoecia aquele tempo, a gente não ia consultar, a gente ia na horta apanhava a planta fervia aí melhorava, aí pronto, aí não ia procurar doutor, não ia consultar, fazer exame porque as planta naquele tempo ela curava a ainda cura” (Elgina Medeiros Maciel, entrevista realizada em 18/12/2019)

Portanto, a partir dos relatos das mulheres entrevistadas ao longo da pesquisa, torna-se evidente o processo de resistência e empoderamento que as mesmas possuem, uma vez que elas exercem poder de cura com remédios caseiros em sua comunidade. E registrar esses conhecimentos de tais mulheres é sumariamente facilitar sua propagação, cooperar com informações que elas adquiriram com as pessoas mais velhas e com a Pastoral da criança para gerações futuras e até mesmo as atuais, pois existem jovens que desconhecem a sua trajetória e as relações que elas possuem com ervas e plantas medicinais, principalmente suas formas de resistências e sobrevivência entre as conhecedoras de remédio caseiros que cuidavam da saúde das crianças para diminuir a taxa de mortalidade.

Assim, Elgina Medeiros Maciel e as demais entrevistadas representam suas vivencias e experiências, cheias de história, tendo como referência em suas vidas o trabalho, em que fazem parte de seus costumes, visto que desde muito cedo trabalhavam

com suas mães como domésticas e assistiam as práticas de curas com remédios caseiros que desempenhavam e atualmente desempenham funções tradicionalmente exercida pelas suas mães e avós que é o cuidado com a saúde das pessoas que habitam na sua comunidade.

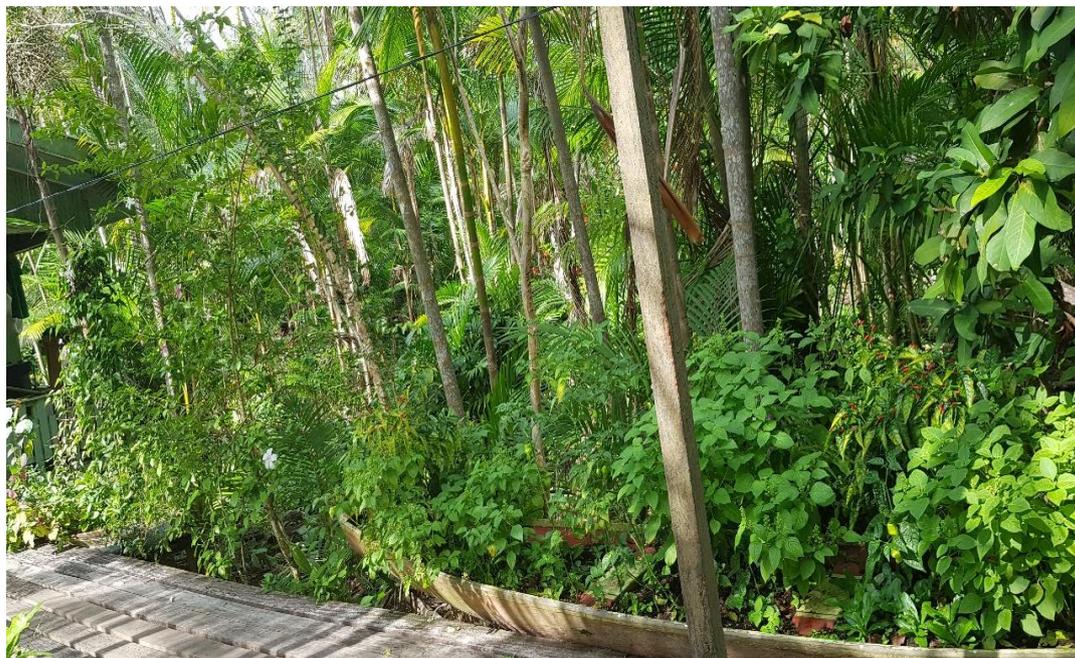
A história de vida dessas mulheres, estão sendo contada por meio da oralidade através do visitar de suas memórias, o trabalho com remédios caseiros e suas ações como protagonistas de uma história do tempo presente, evidenciando o retrato de uma existência que superou, conquistou espaços sociais através de laços de solidariedade, fazendo parte de suas histórias de luta de resistência. Trata-se de mulheres com personalidades diferentes, cada uma com suas especificidades, que nos proporcionam a olhar com perspectivas relevantes e compreendermos seu papel na sociedade, pois suas histórias visíveis e saberes com plantas e ervas medicinais construíram suas próprias histórias na região estudada.

*Imagem 08 – Elgina Medeiros Maciel, conhecedora de plantas e ervas medicinais, localizada na ponte de sua residência.*



*Fonte: Erleney Balieiro, 2019*

*Imagem 09 – Ponte com plantas comestíveis e medicinais, localizado na residência de Elgina Maciel, onde se observa os seguintes tipos de plantas: cicurijú, arruda, hortelã, terramicina, pirarucu, vergamota, favaca, chicória, pimenteira e outros.*



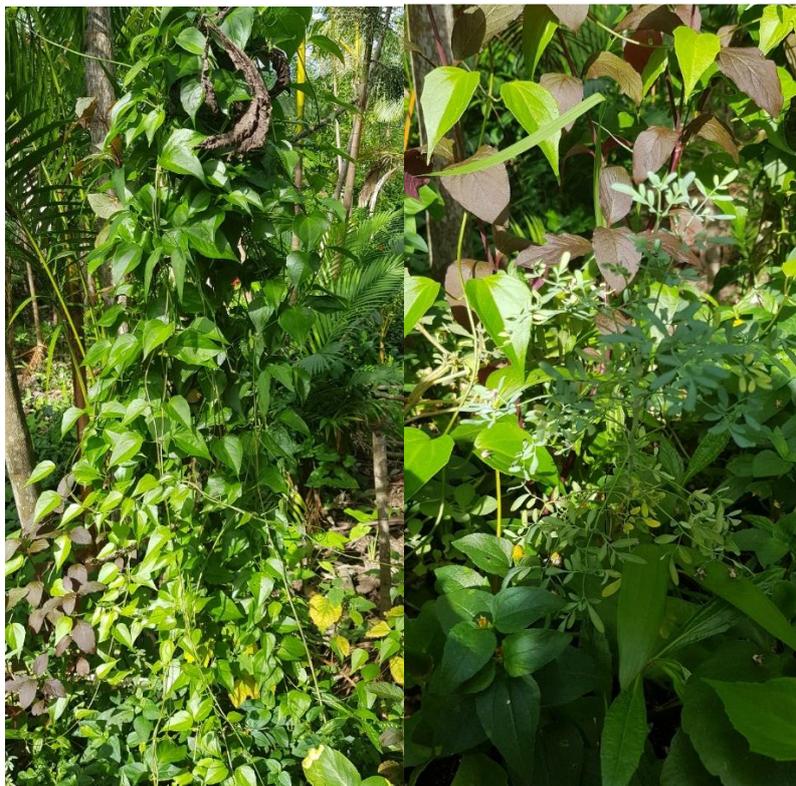
*Fonte: Erleney Balieiro, 2019*

Imagem 10 e 11 – plantas medicinais: estoraque e ortiga respectivamente, localizado na ponte de dona Elgina Maciel.



FONTE: Erleney Balieiro, 2019

Imagem 12 e 13 - Plantas medicinais: cicurijú e arruda respectivamente, localizado na ponte de dona Elgina Maciel.



FONTE: Erleney Balieiro, 2019

## 2.1. “REMÉDIO CASEIRO CURA OS MALES DO CORPO E DA ALMA”

“A doença apresenta-se como algo que interrompe o curso normal das coisas. Ao ser caracterizada pela desordem, falta de significação, a cura por sua vez, vai procurar uma reordenação, uma ressignificação. O sujeito doente, ao deparar-se com uma série de sintomas que, para ele, não fazem sentido, procura alguém capaz de lhe ajudar a construir uma linguagem socialmente aceita, por meio da qual ele possa pensar, compreender e experimentar esses sintomas. A pessoa poderá aceitar o fato de sua doença poder outorgar-lhe um sentido. A dor é sempre intolerável enquanto significar algo arbitrário. Mas quando ela adquire um sentido, torna-se suportável. E na busca desse sentido que as pessoas buscam as terapias tradicionais” (PINTO, 2010, p. 165-166)

Na busca incessante pelo tratamento dos males, os sujeitos procuraram apresentar uma forma diferenciada e peculiar dos usos e costumes das práticas empíricas no percurso do tempo. Como isso, a utilização de remédios caseiros relacionada intrinsecamente com orações, fé, magia e sacrifícios, foram de fundamental importância para as pessoas que buscam as terapias tradicionais para curar doenças de seus corpos. (PINTO, 2010). Partindo deste conhecimento, nota-se que:

“Em todos os lugares da terra as pessoas usam remédios caseiros. Em muitas localidades as formas mais antigas e rotineiras de curar alguém são transmitidas e se manifestam em saberes, nas experiências e improvisações de sabedoria popular de diversas regiões. A grande maioria das pessoas aprenderam a partilhar com a vó, mãe, sogra, tia – muitas por necessidade, em virtude disso, as pessoas vão conhecendo as plantas que podem ser utilizadas como remédio a fim de curar as doenças.” (LÓBO, 2013, p. 40)

No relato de dona Maria do Carmo Maciel observa-se o poder que as ervas e plantas medicinais exercem nas pessoas que as utilizam como remédios caseiros:

“A gente coloca banha da tartaruga, banha do cacau, banha do pato preto é uma pedra de arcanfaro, ferve tudo junto ela fica uma pomada pra esses nódulos nos seios, nascida é excelente. Minha filha ficou curada com isso, ela já tava muito triste porque tu sabe quando aparece um nódulo no seio já é o câncer aí nós ficamos muito desesperado e ela ficou boa dentro de oito dias. Levei numa mulher que benze e ela logo falou olha a cirurgia dela é muito grande e é em cima do coração dela, haa nós viemos muito triste. Só com este a fomento ela ficou boa” (Maria do Carmo Maciel, Entrevista realizada em 07/06/2019).

Vemos portanto, os sujeitos que tem como remédio os recursos fitoterápicos como mecanismo de cura. E o único capaz de trazer a saúde de forma natural e sem

efeitos colaterais. Dessa maneira, “As população de municípios ribeirinhos e costeiros, no caso da Amazônia, utiliza plantas medicinais para manter a saúde e curar as doenças” (MONTEIRO, MONTEIRO, BARBOSA, 2012, p. 3). Assim verifica-se que os ribeirinhos da ilha Tentém possuem suas especificidades em utilizar as plantas medicinais como viés de cura, sendo portanto, determinadas mulheres como detentora de saberes ancestrais de cura.

De acordo com a entrevistada Elgina Maciel:

“São plantas muitos bons, rico em cura. O remédio caseiro cura os males do corpo e da alma. Todas as plantas ela tem um tipo de substancia que é pra curar. Só que muitas das vezes, nós não valoriza né, a gente não quer saber daquelas plantas, não quer dá o valor pra elas.” (Elgina Medeiros Maciel, Entrevista realizada em 18/12/2010)

Neste sentido, percebemos no relato da entrevistada um descontentamento, em que determinados sujeitos não estão reconhecendo e valorizando o poder e a eficácia que as plantas medicinais exercem no corpo humano, caracterizando, em muitos casos, os remédios farmacêuticos como superior e mais curativo.

Outro fator importante a ser destacado, é a questão das mulheres benzedeadas que exerceram papéis relevantes na comunidade ribeirinha Ilha Tentém, como destaca a dona Elgina:

“A primeira líder da Pastoral da criança também que ela fazia o remédio caseiro, ela também benzia, ela benzia e ensinava o remédio, ela benzia quebranto, dentição que dava aquela diarreia, aquele vômito né. Ela benzia e passava remédio, porque ela fazia o remédio lá por exemplo ela benzia e dizia olha: dessa criança aqui é quebranto, tu ferve o chá e dar. Chá do hortelã, a vergamota e coloca a sufa de asina que era pa parar a diarreia né. (...) aí ela dava o remédio no vidro pra pessoa levar. (...) o pessoal ficava bom, num procurava doutor não procurava nada, só aquele remédio a criança ficava bom. Tinha as parteira, uma parte já morreram, aqui na Carapina ainda tem uma é formada pela Pastoral da criança” (Elgina Medeiros Maciel, Entrevista realizada em 18/12/2019).

Podemos observar no relato de dona Elgina, a figura feminina adquirindo novos espaços e sendo percussora de atividades relevantes. Neste sentido, a entrevistada menciona que a primeira líder da Pastoral da criança em Cameté foi uma mulher chamada D. Ermita que era conhecedora de ervas e plantas medicinais e também benzedeadas, a mesma implantou a Pastoral da Criança na comunidade Ilha Tentém, pois via a necessidade que a localidade almejasse. D. Ermita ministrava cursos de manipulação de remédios caseiros para as mulheres da região. Outro aspecto é a

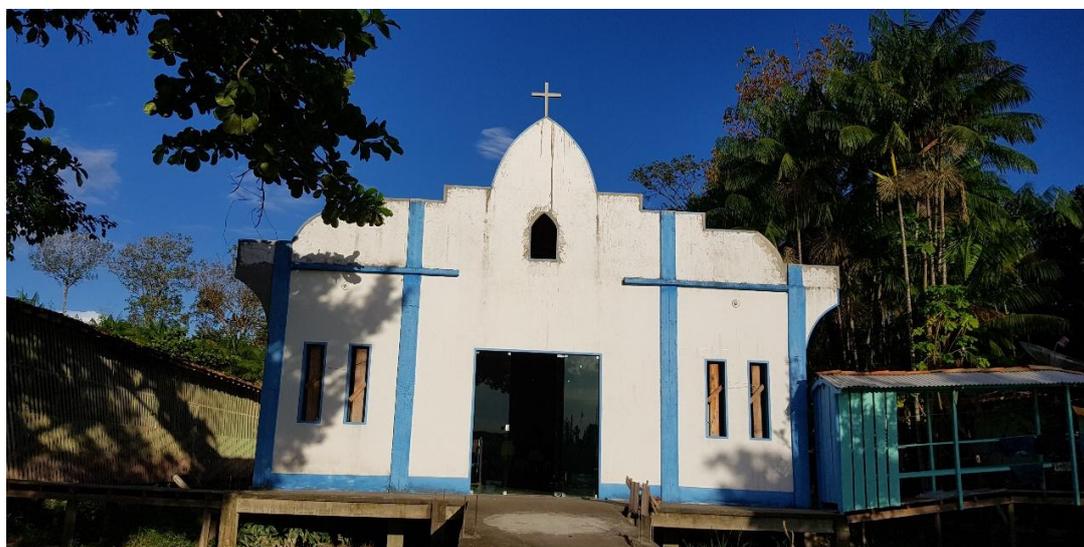
relevância que as parteiras, benzedoras exercem na comunidade, pois através das mesmas tiveram um rico aprendizado, sendo repassado esses saberes culturalmente pelas mulheres e, dessa forma valorizando esses conhecimentos. De acordo com a autora Pinto (2010):

“Essas parteiras, curandeiras e benzedoras ligadas ao sagrado, aos rituais mágicos, apoiando o funcionamento biológico, cumprem um importante papel social, fazem de cada indivíduo alguém que recebe atenção especial, levando em conta sua família, seu grupo social, as concepções psicológicas e físicas” (PINTO, 2010, p. 171).

Nestas condições, essas mulheres, conforme ressaltar a autora, desenvolvem laços de solidariedade, que através de suas práticas empíricas ajudam as pessoas com sua sabedoria peculiar e transcendem espaços de significação cultural, demonstrando sua ligação com o meio natural e espiritual, capaz de prevalecer sua identidade ao longo do tempo. Assim, de acordo com Lôbo (2013) “podemos então, observar que o ato da benzedura pode ser entendido como um sistema de significados de cura, que podem ser usados por pessoas das classes populares” (LÔBO, 2013, p. 53)

No mesmo sentido, podemos destacar que as mulheres conhecedoras de plantas e ervas medicinais, aliadas a igreja católica, através da Pastoral da criança, desenvolvem atividades de grande relevância. Valorizando os saberes tradicionais e compartilhando para que futuras gerações possam reconhecer a ancestralidade dos recursos fitoterápicos.

*Imagem 14 : Igreja católica Bom Jesus dos Navegantes de Tentém, também a Pastoral da criança, localizado na Ilha Tentém.*



*FONTE: ERLINY BALIEIRO, 2019*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi articulada no sentido de adquirir informações relevantes sobre as práticas que determinadas mulheres exercem com as plantas e ervas medicinais utilizadas nos fenômenos ligados à cura, que englobam uma diversidade de plantas que são usadas cotidianamente. Dessa forma, foi possível conhecer os nomes de diversas plantas e suas especialidades no que se refere ao tratamento da saúde do corpo. As entrevistadas da pesquisa no revisitar de suas memórias nos descreveram com precisão o conhecimento que adquiriram com seus familiares, isto é, transmitidos por suas avós, mães, parentes mais velho. Também com o advento da Pastoral da criança esse conhecimento aperfeiçoou-se para suprir as necessidades básicas de saúde da comunidade ribeirinha Ilha Tentém.

Sendo assim, a utilização das plantas e ervas medicinais é comum nas comunidades da região Amazônica, como é o caso da Ilha Tentém, no município de Cametá, cujos habitantes possuem uma relação harmoniosa com o rio e a florestas, pois são recursos de sua subsistência e também uma relação de conhecimento tradicional com o meio em que estão inseridos. E é também nas matas que essas conhecedoras de plantas medicinais buscam soluções terapêuticas para curar seus males, ligadas ao predomínio da fé que a medicina tradicional adquiri significado relevante.

Sem dúvida, com a predominância do sexo feminino em trabalhar com ervas e plantas medicina é fortalecer a concepção de luta, se serem agentes transformadoras e continuarem resistindo, pois indubitavelmente as entrevistadas são lideranças em sua comunidade e possuem laços de fraternidade, solidariedade e reciprocidade. Por outro lado, constatou-se também que o hábito de utilizar as plantas e ervas medicinais não é só dos ribeirinhos, mas dos centros urbanos da cidade de Cametá. E também foi constatado que as ervas e plantas medicinais são recursos inseparáveis do dia a dia das mulheres e das crianças, pois não há nenhum posto de saúde para atender as urgências e emergência e com isso, gera uma dependências dos recurso naturais de saúde.

**FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:****a) FONTES ORAIS:**

MACIEL, Elgina Medeiros. Conhecedora de plantas e ervas medicinais, comunidade Ilha Tentém, entrevista 18/12/2019.

BATISTA, Luzia do Socorro Pinto. Conhecedora de plantas e ervas medicinais, comunidade Ilha Tentém, entrevista 08/06/ 2019.

MACIEL, Maria do Carmo. Conhecedora de plantas e ervas medicinais e coordenadora da Pastoral da criança, entrevista 07/06/2019.

Maria Edilenilda Garcia Medeiros, moradora da localidade de Tentém, entrevista realizada em 18/12/2019.

**b) FONTES IMAGÉTICAS:**

**Mapas;**

**Imagens Fotográficas que foram feitas no decorrer da pesquisa.**

**FONTES DOCUMENTAIS ESCRITAS:**

**Certidão de Nascimento;**

**Registro Geral de Identificação;**

**Comprovantes de participação em cursos pela Pastoral da Criança.**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, Zuleika. **“Feminismo: o ponto de vista marxista”**. São Paulo: Nobel, 2016.

ALBERT, Verena. **Fontes Orais: Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral. In: **História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história**. Bauru, SP: Edusc, 2007. p. 229-234.

ALMEIDA, Debora Vieira. Humanização dos cuidados em saúde: ensaio teórico reflexivo fundamentado na filosofia de Emanuel Levinas. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 3, 2014.

BANÓSKI, Solange Aparecida. **“Ervas Medicinais”** Minas Gerais, Ano: 2002;

DAVID, Priscila. **“História Oral: Metodologia do Diálogo”**. São Paulo, Unesp, v.9, n. 1, p. 157-170, janeiro-junho, 2013.

CEOLIN, Teila. **DISSERTAÇÃO “Conhecimentos sobre Plantas Medicinais entre agricultores de Base Ecológica da Região do Sul do Rio Grande do Sul”** PELOTAS, 2009;

CORRÊA, Rosivanderson Baia. **Dissertação “Do território recurso ao território abrigo: modo de vida e o processo de valorização do açaí de Cametá-PA**, Ano: 2010.

CRUZ, Tereza Almeida. **UM ESTUDO COMPARADO DAS RELACÕES AMBIENTAIS DE MULHERES DA FLORESTA DO VALE DO GUAPORÉ (BRASIL) E DO MAYOMBE (ANGOLA) 1980-2010**. Florianópolis: SC, 2012; pp.301-313.

FARIAS, Meurygreece Caldas. **DISSERTAÇÃO “Práticas, saberes e resistências de mulheres no contexto histórico e cultural no período da extração da borracha na Ilha de Itanduba, município de Cametá/PA”**. Ano: 2019.

FERNANDES, Tania Maria. **“Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil”**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004;

GOMES, Flávio dos Santos e QUEIROZ, Jonas Marçal. Em Outras Margens: Escravidão Africana, Fronteiras E Etnicidade na Amazônia. In: **Os senhores dos Rios**. Rio de Janeiro: Elsever, 2003, p. 141-162;

HOBSBAWN, Eric J. **“O sentido do passado”**. In.: *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. Pp. 22-35;

- LOBO, Milene Mindêlo. **História e prática de curas com plantas medicinais na comunidade de Belos Prazeres, município de Cametá/PA**. 2014. Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá-PA, 2014.
- MERLINO, Tatiana. **“Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino”**. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010;
- MONTEIRO, Maurícia Melo; MONTEIRO, Márcia Joana Souza; BARBOSA, Wagner Luiz Ramos. **“Saber e Uso de Plantas Medicinais em Marudá e na APA Algodual-Maiandeuá”**
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- OLIVEIRA, Taís Nascimento; BRANDÃO, Laryssa Passos; PENA, Heriberto Wagner Amanajás. **Análise da dinâmica da estrutura produtiva do município de Cametá, Amazônia-Brasil**. Revista acadêmica de economia, 2014.
- OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **“Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: Tipos, Técnicas e Características”** doutorando, UFA.
- PEREIRA, Edir Augusto Dias. Tese **“As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: transformações no exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas da Amazônia Tocantina paraense**. Niterói: [s.n.], 2014.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **“Filhas da Mata”: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina** / Benedita de Celeste de Moraes Pinto. Belém: Açáí, 2010.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia**. Gênero na Amazônia. Belém, 2012. Disponível em [www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-2/Artigos...](http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-2/Artigos...)
- PINTO, Sherlyane Louzada. Dissertação **“Plantas medicinais: saberes, práticas e ensinamentos presentes na vivência de antigos moradores da cidade de Cametá-PA”**, Ano: 2018.
- PINTO, Sherlyane Louzada. **DISSERTAÇÃO “Plantas Medicinais: Saberes, Práticas e Ensinamentos presentes na vivência de antigos moradores da Cidade de Cametá-PA”** Ano: 2018;
- ROSA, Patrícia Lima Ferreira Santa; HOGA, Luiza Akiko Komura; SANTANA, Mônica Feitosa; SILVA, Pâmela Adalgisa Lopes. **USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR MULHERES NEGRAS: Estudo etnográfico em uma comunidade de baixa renda**. Rev. Esc. Enferm. USP. 2014; pp. 46-53.
- SHARPE, Jim. “A história vista de baixo” In: **BURKE, Peter (Org). A Escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 39-62;
- SILVA, Mirian Balieiro. **MONOGRAFIA “Mulheres de Dalcídio e questões de Gênero na Obra Choves nos Campos de Cachoeira”** Cametá-Pará, 2016.

SOUZA, Carla Monteiro de. **“A Incorporação de relatos orais como fontes na pesquisa histórica”**. Textos & Debates N°4. 97.

SILVA, Amarílis Maria Farias da. **Saberes cotidianos e azeite de andiroba: a presença da mulher extrativista, no contexto histórico das práticas socioculturais dos sujeitos da Ilha de Juba, Cametá- PA**. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009 (Dissertação de Mestrado)

SPAGNUOLO, Regina Stella; BALDO, Renata Cristina Silva. **PLANTAS MEDICINAIS E SEU USO CASEIRO: O Conhecimento Popular**. UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde. 2009; pp. 31-34.

THOMPSON, E. P. **“Formação da Classe Operária inglesa (A árvore da Liberdade)”**. Editora Paz Terra, 1987;

TOSI, Lucía. **MULHER E CIÊNCIA: A Revolução Científica, A Caça às Bruxas e a Ciência Moderna**. Cadernos pagu (10) 1998: pp.369-397.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.